



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL
DA LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA
INSTITUTO DE HUMANIDADES E LETRAS DOS MALÊS
LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA**

JANDIRA FRANCISCO DOMINGOS

**ENTRE A FICÇÃO E A REALIDADE EM BOM DIA, CAMARADAS
DE ONDJAKI: UM ESTUDO SOBRE O PÓS-COLONIALISMO
E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE ANGOLANA**

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2023

JANDIRA FRANCISCO DOMINGOS

**ENTRE A FICÇÃO E A REALIDADE EM BOM DIA, CAMARADAS
DE ONDJAKI: UM ESTUDO SOBRE O PÓS-COLONIALISMO
E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE ANGOLANA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras - Língua Portuguesa do Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciado em Letras.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ludmylla Mendes Lima.

SÃO FRANCISCO DO CONDE

2023

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da Unilab
Catalogação de Publicação na Fonte

D716e

Domingos, Jandira Francisco.

Entre a ficção e a realidade em Bom dia, camaradas de Ondjaki : um estudo sobre o pós-colonialismo e a construção da identidade angolana / Jandira Francisco Domingos. - 2023. 57 f.

Monografia (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa) - Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, 2023.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Ludmylla Mendes Lima.

1. Angola - Influência colonial. 2. Pós-colonialismo na literatura. I. Ondjaki, 1977- . Bom dia, camaradas - Crítica e interpretação. II. Título.

BA/UF/BSCM

CDD 869.09

JANDIRA FRANCISCO DOMINGOS

**ENTRE A FICÇÃO E A REALIDADE EM BOM DIA, CAMARADAS
DE ONDJAKI: UM ESTUDO SOBRE O PÓS-COLONIALISMO
E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE ANGOLANA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Letras - Língua Portuguesa do Instituto de Humanidades e Letras dos Malês, da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Licenciado em Letras.

Data de aprovação: 05/12/2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof.^a Dr.^a Ludmylla Mendes Lima (Orientadora)

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – Unilab

Prof.^a Dr.^a Andrea Cristina Muraro

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – Unilab

Prof.^a Dr.^a Lílian Paula Serra e Deus

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira – Unilab

À

Maria Domingos Francisco, minha mãe, e
Domingos Simão Quiledi, meu irmão e suporte,
a quem serei eternamente grata.

AGRADECIMENTOS

A priori, eu gostaria de agradecer ao *Ngana Nzambe* (Deus Poderoso) pela graça da vida e pela sabedoria concebida durante esse percurso acadêmico. Pós a Ele é dada toda honra e glória.

Esterno também a minha profunda gratidão a minha família, em especial a minha mãe, Maria Domingos Francisco, meu porto seguro, por seu colo e afeto; e aos meus irmãos Domingos Simão Quiledi e Valdemiro Simão Domingos, meus suportes, por acreditarem em meus sonhos. Pois a minha caminhada acadêmica não seria escrita sem essas figuras emblemáticas, porque, sou fruto de seus sacrifícios, esforços e orações.

Ao meu amado pai, Simão Domingos, que de igual modo foi importantíssimo nessa etapa da minha formação, pois sempre, com belas e calmas palavras ancestrais, guiou-me e ensinou-me sempre que *Wenda ni muzumbu, bajimbrilê* (quem anda com a boca não perde o caminho).

Aos meus irmãos Mateus, Aurélio, Américo (*In memoriam*), Saimo e Arnaldo, por todo amor, carinho e auxílio dado ao decorrer deste percurso.

À minha excelentíssima orientadora, professora Ludmylla Mendes Lima, pela paciência e parceria que trilhamos todos esses anos. Gostaria de agradecê-la pelo insensitivo durante a escrita desse trabalho, e por seus ensinamentos acadêmicos e de vida. Minha profunda estima à professora Ludmylla.

À estimada professora Andrea Muraro, a minha principal fonte de inspiração na escrita desse trabalho, pelo auxílio durante a execução da etapa final do trabalho.

À banca por aceitarem o convite e por contribuíram imensamente para a minha escolha acadêmica.

Por fim, não poderia deixar de agradecer aos meus amigos e colegas que sentiram e viveram essa etapa da minha de formação, os quais agradeço pelo profundamente pelo carinho e apoio dado por estes anos todos, pois tornaram a minha trajetória mais leve e harmoniosa.

E tu, Angola:

Os braços dos homens
a coragem dos soldados
os suspiros dos poetas
Tudo todos tentavam erguer bem alto
acima da lembrança dos heróis
Ngola Kiluanji
Rainha Ginga
Todos tentavam erguer bem alto
a bandeira da independência.

António Agostinho Neto

RESUMO

A literatura angolana nem sempre esteve ligada aos contextos reais de Angola. Entretanto, a voz do poeta angolano procurou de diversas formas ecoar a voz oprimida e libertada do povo angolano, descrevendo assim literalmente os seus anseios, avanços e recuos históricos. Nessa perspectiva, a obra *Bom dia, Camaradas*, publicado nos anos de 2000, do escritor angolano Ondjaki, é um dos manifesto do povo frente ao colonialismo português e aos conflitos civis, que iniciariam após a independência. Este romance de Ondjaki permeia nos anos finais da década de 1980, no qual o país vivia o desafio da construção da sociedade e da identidade angolana pós-independente do jugo colonial português, que perdurou até 1975, ano que data a proclamação de sua independência. A obra de Ondjaki destaca uma fase complexa, devido a intensificação dos conflitos civis entre os movimentos de libertação nacional. Nessa ótica, esta monografia aborda essa fase pós-colonial e pós-independente de Angola e sua construção identitária nos anos finais da década de 1980, através do romance *Bom dia, Camaradas*. A escolha deu-se devido à complexidade da transição histórica e literária do colonialismo à fase pós-colonial de Angola, marcada por diversas guerras que fizeram sangrar todo país, que se ergueu identitariamente de forma frágil, sob o totalitarismo do MPLA.

Palavras-chave: Angola - influência colonial; Ondjaki, 1977- . Bom dia, camaradas - crítica e interpretação; pós-colonialismo na literatura.

ABSTRACT

Angolan literature has not always been linked to the real contexts of Angola. However, the voice of the Angolan poet has sought in various ways to echo the oppressed and liberated voice of the Angolan people, thus literally describing their longings, historical advances and setbacks. From this perspective, Angolan writer Ondjaki's *Bom dia, Camaradas*, published in 2000, is one of the people's manifestos against Portuguese colonialism and the civil conflicts that began after independence. Ondjaki's novel is set in the late 1980s, when the country was facing the challenge of building an Angolan society and identity after independence from Portuguese colonial rule, which lasted until 1975, when independence was proclaimed. Ondjaki's work highlights a complex phase, due to the intensification of civil conflicts between the national liberation movements. From this perspective, this monograph looks at this post-colonial and post-independent phase of Angola and its identity construction in the late 1980s, through the novel *Bom dia, Camaradas*. The choice was made due to the complexity of the historical and literary transition from colonialism to Angola's post-colonial phase, marked by several wars that caused the whole country to bleed, which rose up identitatively in a fragile way, under the totalitarianism of the MPLA.

Keywords: Angola - colonial influence; Ondjaki, 1977- . Good morning, comrades - criticism and interpretation; postcolonialism in literature.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BDC – Bom dia, Camaradas

EVP – Educação Moral e Cívica

CEA – Centro de Estudos Africanos

FAPLAS – Forças Armadas Populares de Libertação de Angola

FNLA – Frente Nacional de Libertação de Angola

JOTA – Juventude Partidária do MPLA

MNIA – Movimento dos Novos Intelectuais de Angola

MPLA – Movimento Popular de Libertação de Angola

OMA – Organização da Mulher Angolana

OPA – organização de Pioneiros de Angola

UEA – União dos Escritores Angolanos

UNITA – União Nacional para a Independência Total de Angola

UPA – União das Populações de Angola

URSS – União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	ANGOLA	17
2.1	CENÁRIO LITERÁRIO POLÍTICO PÓS-COLONIAL DE ANGOLA NA DÉCADA DE 1980	18
3	PÓS-COLONIALISMO COMO ELEMENTO LITERÁRIO EM <i>BOM DIA, CAMARADAS</i>	27
3.1	“BOM DIA, CAMARADA ANTÓNIO”	28
3.2	“POR RAZÕES DE SEGURANÇA DE ESTADO”	33
4	A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE ANGOLANA A PARTIR DO OLHAR DE NDALU	40
4.1	A IDENTIDADE ANGOLANA	40
4.2	“UM SÓ POVO, UMA SÓ NAÇÃO”	42
4.3	“A ECLOSÃO DE UM NOVO CICLO EM ANGOLA”	46
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	53
	REFERÊNCIAS	54

1 INTRODUÇÃO

A literatura angolana pós-colonial configura-se como um campo de estudo muito interessante, porque a sua escrita é fomentada pelos desafios do partido-estado angolano, que se criara após a independência do país frente a colonização portuguesa, que se perdurou entre 1482 e 1975. Assim, as implicações do período colonial e da guerra civil, vivenciada na fase pós-independente de Angola, são constantemente discutidas, principalmente as atuações políticas e culturais dos movimentos de libertação nacional na construção dos novos paradigmas do país. Nessa perspectiva, o romance *Bom dia, Camaradas*, publicado em 2000 pela editora angolana Chá de Caxinde, do escritor angolano Ondjaki, permeia nesse contexto de conflito, especificamente no final da década de 1980, uma época marcante, de muita turbulência política, devido a guerra civil entre o Movimento Popular de Libertação Nacional (MPLA) e a União Nacional para Independência Total de Angola (UNITA), entre os anos de 1975 a 2002.

Nascido em Luanda, capital de Angola, em 1977, Ndalú de Almeida, mais conhecido pelo seu pseudônimo Ondjaki, é um prosador, poeta e cineasta integrante da União dos Escritores Angolanos (UEA). Sua atuação literária é grifada por várias obras fascinantes, como *AvóDezanove e o segredo do soviético*, de 2008 (vencedor do prêmio FNLIJ de 2009 e do prêmio Jabuti de 2010 na categoria juvenil), *Os transparentes* (vencedor da oitava edição do prêmio José Saramago de 2013), de 2012, *Ynari: a menina das cinco tranças*, de 2010, *Bom dia, Camaradas* (primeiro romance do escritor), de 2001, etc. Essas obras de Ondjaki traduzem a vivência urbana angolana, reverberadas por diversas vozes da cidade capital, que é um local de cruzamentos das diversas expressões angolanas e de histórias possíveis e impossíveis, e das incertezas com relação ao avanço do país.

A obra *Bom dia, Camaradas* é um romance autobiográfico contado em primeira pessoa por Ndalú, o narrador, que é um menino da cidade capital, Luanda, o qual, com seu olhar inocente e infantil, expõe seus questionamentos sobre o estado anterior colonial do país, estabelecendo um comparativo com o retrato independente do país. Essa exposição parte de seu cotidiano, que é marcado por fraturas deixadas pelo sistema colonial e pela guerra civil no país. Ou seja, Ondjaki transporta para esse romance um momento histórico de Angola muito complexo, pois na década de 80, os conflitos civis entre os movimentos anticolonialistas intensificaram-se absurdamente, o que resultou no aumento da devastação do país e de seus problemas, como a penúria social, a pobreza, a fome e sofrimentos advindos desse conflito e da própria colonização.

Dessa forma, o foco principal do nosso trabalho é analisar o pós-colonialismo ¹e a construção da identidade angolana através desta obra de Ondjaki, que traz grifadas várias questões importantes para pensar Angola após a independência. Nesse sentido, pensar no pós-colonialismo como cenário impulsionador para a construção da identidade angolana, a partir da obra de Ondjaki, é traçar um estudo literário e histórico de Angola nos anos 1980. De igual modo, o cerne é analisar o pós-colonialismo não apenas pela sua demarcação histórica ou como uma categoria histórica, mas como um campo e um lugar de discurso de ler, ensinar e escrever as literaturas contemporâneas africanas, isto é, uma forma de descentralização das relações de poder (Mafalda, 2020).

No entanto, é importante destacar neste trabalho que a formação dessa identidade, que marcou um novo tempo nacional, estudada através do romance *Bom dia, Camaradas* centra-se principalmente em Luanda por seu status, segundo Macedo (2008), de “cidade política” e por sua projeção no imaginário nacional:

[...] a capital de Angola pode ser vista como ponto de convergência do “desejo nacional” dos angolanos, de forma que no período imediatamente anterior à independência, ela tornou-se símbolo de resistência ao colonialismo e luta pela liberdade, confundindo-se com as palavras de ordem do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), ligação essa que se manteve até depois da independência, quando um novo projeto para o país começou a se formar e a modificar a forma como a literatura desenhou a geografia de Luanda nas letras nacionais angolanas (Macedo, 2008, p. 32).

Esse espaço de construção nacional e da identidade angolana na década de 80, época do apogeu dos conflitos civis, estava sob domínio do MPLA. Assim, o partido tomou para si essa função de refazê-la a partir dos moldes do próprio movimento. Esse é o nosso maior questionamento, porque nem todos os angolanos foram abraçados por essa identidade, ou com as ideologias pregadas pelo MPLA, que eram totalmente influenciadas pelo sistema socialista. Por este motivo, a principal razão que nos levou a pesquisar essas temáticas é justamente porque a literatura pós-colonial de Ondjaki, especificamente o romance *Bom dia, Camaradas*, nos transporta para diversas reflexões que estão ligadas a essa construção.

Além disso, esse trabalho é resultado das nossas leituras e pesquisas sobre as literaturas africanas de língua portuguesa, especialmente as literaturas angolanas pós-coloniais, pois

¹ O termo pós-colonialismo, que é o cerne desta monografia, será trabalhado à luz da teórica literária Ana Mafalda Leite, baseado em seus trabalhos *Literaturas africanas e formulações pós-coloniais* (2003) e *Oralidade & escritas pós-coloniais: estudos sobre literaturas africanas* (2020), no qual a autora demarca esse tempo não apenas como categoria histórica, mas como um conceito que analítico que avalia todas as estratégias discursivas e performativas que empatam a visão colonial. Como é referenciado pela autora, é um “entre lugar” de um posicionamento crítico, de questionamento, de tensão e de revisão do neocolonial (Mafalda, 2020).

acreditamos, conforme Tania Macedo (2008, p.60), “com a independência, os autores angolanos tomaram para si a tarefa de re-contar essas narrativas, como forma de fazer presente o que por tanto tempo o colonialismo tentara abafar. Portanto, escritores como Pepetela, Luandino Vieira, José Eduardo Agualusa e Ondjaki, são exímios contadores de histórias que contam sobre o país, dando aos angolanos em suas ficções, e propiciando a oportunidade de dialogar e discutir o momento pós-colonial angolano.

Estas pesquisas estiveram atreladas ao desenvolvimento do projeto de Iniciação Científica Pibic/Fapesb “Realismo, fronteira e contato em narrativas moçambicanas e sul-africanas”, coordenado pela professora doutora Ludmylla Mendes Lima. Durante a execução desse projeto, tivemos a oportunidade de fazer escolhas literárias e decidimos trabalhar com os escritores Pepetela e Ondjaki, que foram os literatos angolanos que mais despertaram a nossa curiosidade, pela forma específica como descreveram Angola a partir de suas histórias, expectativas e frustrações, quanto ao seu processo histórico. Portanto, isso nos levou a entender a complexidade da construção da sociedade angolana na fase pós-independência.

Nessa perspectiva, o romance *Bom dia, Camaradas*, transpira a angolanidade e evidencia a luta de um povo marcado pelo colonialismo. É uma obra que nos leva a entender o pós-colonialismo angolano como resultado da uma luta colonial incessante entre o povo angolano, guiados pelos movimentos de libertação nacional, e o estado português colonial, que implementou esse processo bárbaro, capaz de negar a civilização aos povos oprimidos (Cesaire, 1978). Portanto, essa obra de Ondjaki proporciona compreender Angola a partir de novos olhares de liberdade, por causa de sua emancipação do jugo colonial.

Metodologicamente este trabalho é de caráter básico, quanto a sua natureza, pois tem como finalidade produzir e aprofundar os conhecimentos sobre a literatura angolana, com o foco na obra *Bom dia, Camaradas*, de Ondjaki, sem que haja alguma aplicação prática. Como caracteriza Prodanov e Freitas (2013), a pesquisa básica tem como objeto gerar conhecimentos novos que sejam úteis para o avanço da ciência sem alguma aplicação prática. Quanto ao objetivo, a pesquisa em questão é descritiva, porque ela vai analisar e observar alguns fatos descritos no romance *Bom dia, Camaradas* para assim compreender o período pós-colonial em Angola e a construção da sua identidade. Segundo Prodanov e Freitas (2013), as pesquisas descritivas procuram explicar e interpretar, descobrir a sua natureza, e as características dos fatos que ocorrem. Ou seja, na pesquisa descritiva os fatos são observados, registrados, analisados, classificados e interpretados, sem que o pesquisador interfira sobre eles, ou seja, os fenômenos do mundo físico e humano são estudados, mas não são manipulados pelo pesquisador [...]” (Prodanov e Freitas, 2013, p.52).

Quanto aos procedimentos, a minha pesquisa é bibliográfica, porque foi realizada a partir de levantamentos de bibliografias já publicadas que abordam o mesmo assunto da minha pesquisa. Bibliografias como livros, artigos científicos, monografias, dissertações e teses. Esta pesquisa também foi de “estudo de caso”, porque ela foi feita a partir de análise de fatos como pós-colonialismo e identidade angolana na obra literária *Bom dia, camaradas*, de Ondjaki.

Quanto à abordagem, ela é qualitativa, porque focou-se na qualidade das informações para explicar o assunto em pesquisa. De acordo com Prodanov e Freitas (2013), a pesquisa qualitativa não utiliza dados estatísticos como centro de análise do problema, os dados coletados na pesquisa qualitativa são descritivos. A minha pesquisa é qualitativa, porque vai se consolidar na análise de informações que vão ajudar-me a interpretar e analisar fatos descritos no romance, por intermédio de teorias, hipóteses, sem a utilização dados estatísticos como fonte direta dos dados do meu assunto de pesquisa.

Este trabalho está composto por três capítulos que nos auxiliam a compreender melhor a finalidade desta monografia, que é o estudo sobre o pós-colonialismo e a construção da identidade angolana através do romance *Bom dia, Camaradas*. O primeiro capítulo esmiúça de forma abrangente o cenário literário político pós-colonial de Angola na década de 80, que é marcado pela intensificação da guerra civil entre os movimentos anticolonialistas MPLA e UNITA, e pela implementação do ideal de construção e reconciliação nacional, ideologias fomentadas pelo MPLA, enquanto partido e estado.

O segundo capítulo, formado por dois subcapítulos, é um estudo mais situado sobre o pós-colonialismo como objeto literário na própria obra de Ondjaki, pois essa é uma das principais temáticas que este trabalho se propôs a analisar. Assim, a compreensão literária dessa fase pós-colonial perpassa nos diálogos entre o menino Ndalú, o narrador do romance, e o camarada António, que demarcam a transição histórica do passado colonial ao presente independente. O segundo capítulo foca em entender principalmente as implicações do estado colonial na formação do novo estado, que se criara após a independência, bem como a estrutura dessas duas sociedades distintas, que demarcam discursos e discussões díspares.

Por fim, o terceiro capítulo, constituído por três subcapítulos, permeia as discussões sobre a construção da identidade, fundamentada pelas palavras de ordem proferidas durante o desfile do 1º de Maio, detalhado no romance. Assim, para a compreensão desses discursos, que são comuns do MPLA, foi necessária uma revisitação dos ideais de nação e identidade que conduziram as lutas de independência do país, o que nos levou a refletir e traçar um estudo da estrutura dessa sociedade pós-colonial, que se erguia pelo autoritarismo do MPLA. Para culminar, o terceiro capítulo também descreve com minúcias do novo ciclo em Angola,

marcado pela esperança do alcance da paz através da realização das primeiras eleições partidárias de Angola.

2 ANGOLA

Angola é um país africano situado no sul do continente, na costa ocidental da África Austral. Territorialmente é um país que ocupa uma superfície de 1.246.700 km² (quilômetros quadrados) e é delimitado, a sul, pela Namíbia, a norte, pela República Democrática do Congo, a leste, pela Zâmbia e, a oeste, pelo oceano atlântico. Historicamente, este país africano foi atravessado pelo domínio colonial português, que começara em 1482 e perdurou até 1975, com a luta anticolonial protagonizada pelos movimentos nacionalistas angolanos Frente Nacional de Libertação de Angola (FNLA), conduzida pelo político Álvaro Holden Roberto, Movimento de Libertação Popular de Angola (MPLA), liderado por António Agostinho Neto, e pela União Nacional para a Independência Total de Angola (UNITA), de Jonas Malheiro Savimbi. Estes movimentos nacionalistas eram grupos anticolonialistas que idealizaram e conduziram a luta de libertação nacional do país frente ao regime colonial e ditatorial salazarista português.

No entanto, por divergências políticas externas, após a data da proclamação da independência, em 1975, o país foi palco de conflitos civis protagonizados pelo MPLA e pela UNITA, que duraram 27 anos. Estes conflitos armados internos tiveram início entre os anos de 1975 a 1991, e, segundo Gonçalves (2004), foram causados por vários fatores, dentre eles a luta pelo poder da soberania do país, depois da assinatura do Acordo de Alvor ². Este acordo acentuava, em seus termos, que após a assinatura do mesmo, em janeiro de 1975, os três movimentos anticolonialistas disputariam uma eleição justa, para a liderança do país, após a proclamação da independência que seria em novembro de 1975. Contudo, isso foi descumprido pelo MPLA, porque, de acordo com Silva (2007), este partido armou militarmente, depois do acordo, toda a população de Luanda, que era a capital e o centro das grandes operações e negociações políticas, militares e econômicas, e consequentemente conseguiu expulsar a FNLA e a UNITA da capital do país.

² O Acordo de Alvor foi um acordo assinado, em janeiro de 1975, entre o Estado Português e os movimentos anticolonialistas de libertação nacional de Angola UNITA, MPLA, FNLA (Frente Nacional de Libertação de Angola), para a libertação colonial e para a soberania total de Angola. Este documento representa o cessar-fogo entre as Forças Armadas dos movimentos anticolonialistas e o Estado Português e assinala Angola como um país soberano e livre das forças coloniais portuguesas. Assim, neste documento, o mesmo Estado Português reconhece os três movimentos como os únicos representantes do povo angolano, (Acordo de Alvor, 1975).

2.1 CENÁRIO LITERÁRIO POLÍTICO PÓS-COLONIAL DE ANGOLA NA DÉCADA DE 1980

Nós ficávamos um bocado aborrecidos com as notícias porque era sempre a mesma coisa: primeiro eram as notícias da guerra, que não eram diferentes quase nunca, só se tivesse havido alguma batalha mais importante, ou a UNITA tivesse partido uns postes (Ondjaki, 2014, p.23).

A produção literária angolana pós-colonial sempre esteve conectada à história política, social e cultural do país, com os seus avanços e recuos, frutos dos conflitos internos que decorrem no país entre os anos de 1975 e 2002. Assim, com a intensificação da guerra civil na década de 1980 no país, as literaturas angolanas pós-coloniais que enunciavam sobre a mesma época, refletiam duas dimensões sociais alarmantes de uma Angola repleta de incertezas com relação ao alcance da paz.

Estas escritas literárias evidenciavam primeiramente as tensões existentes entre a realidade devastada do país durante a guerra civil interna e seguidamente a formação da estrutura do partido-estado, que se criara em meio a estes conflitos. Entretanto, mesmo com a fragmentação do país, e dentre vários infortúnios sociais provocados pela colonização e guerra civil, havia uma necessidade literária pós-colonial de se pensar na construção de uma identidade cultural angolana, aquela que simbolizaria a ruptura total com o estado português colonial e que seria uma forma de emancipação cultural do partido-estado. De acordo com Mata (2001), esse era discurso literário angolano defendido na década de 1980, qual primava, principalmente, pela afirmação e autonomia cultural, o que dialogava com a intenção do partido-estado angolano, de elaboração de um sentido nacional, e que seria um contra-discurso à política colonial de assimilação cultural.

Por esta razão, Leite (2003), salienta que existe uma necessidade, que inclusive tem sido atual, de se discutir algumas implicações teóricas do pós-colonialismo nas literaturas africanas lusófonas. Nesse sentido, em sua obra *Oralidade & escritas pós-coloniais: estudos sobre literaturas africanas*, publicado em 2020, Ana Mafalda ressalta que:

Com efeito, o pós-colonialismo não se limita a descrever uma determinada época. Ele relê a colonização, como parte de um processo global, essencialmente transnacional e transcultural – e produz uma escrita descentrada, diaspórica, das grandes narrativas imperiais do passado, centradas na nação [...], é uma dimensão crítica (Leite, 2020, p. 313-317)

Esse projeto configurava o cerne da descolonização nacional. Isto é, a criação de um imaginário cultural angolano, após a independência do país, tornou-se uma problemática

necessária, porque esta formação estava atrelada ao ideal da reconciliação nacional pretendida para a década de 80. Esse ideal resultaria na construção da identidade angolana, que foi traduzida pelo angolano Mário Pinto de Andrade³ (1974, apud Sabonete, 2010), por “angolanidade”, pois, conforme o autor, isso se refletia a partir da dimensão sociocultural macrossociológica, do enraizamento cultural, da linguagem e a historicidade do povo angolano, destacando as particularidades de cada etnia e região do país, ou seja, o que impulsionaria e direcionaria a nação angolana.

A euforia da nação reconstruída e emancipada culturalmente, de acordo com Secco (2015), fora o princípio norteador das lutas pela independência do país, no qual o povo se apoiara como perspectiva de futuro nacional, tendo em conta o seu sonho de liberdade, como mencionado no poema “Adeus à hora da largada”, da obra *A sagrada Esperança*, de 1974, do primeiro presidente e escritor angolano Agostinho Neto:

Amanhã
entoaremos hinos à liberdade
quando comemorarmos
a data da abolição desta escravatura
Nós vamos em busca de luz
os teus filhos Mãe
(todas as Mães negras cujos filhos partiram)
Vão em busca de vida. (Neto, 1987, p.1).

Este poema emblemático de Neto deixa fluir o ecoar da esperança de liberdade da pátria amada (Angola), frente a realidade escravocrata colonial que enfrentara. Essa liberdade pretendida simbolizaria a reescrita da história de Angola, que era mudar a condição oprimida do angolano e “transformar o negro em um ser de *ação*”, (Fanon, 2008, p.15, grifos do autor). Este projeto foi sustentado por todos os nacionalistas anticoloniais que guerrilharam esta luta, pois foi mantida até o final desses conflitos coloniais. Todavia, com o início da guerra civil em Angola, este sonho foi soterrado em meio ao caos desse conflito, porque a guerra civil suprimiu a esperança da nação emancipada e erguida com o sangue de um povo guerreiro.

³ Mario Pinto de Andrade, nascido no Golungo Alto, na província do Kwanza Norte, em Angola, foi um dos membro-fundador e idealizador do MPLA, no qual se tornou o primeiro presidente do partido nos anos de 1959-1960. Pela sua dimensão política extraordinária, Mario Pinto de Andrade, foi um político angolano que transcendeu aos limites de seu território, pois ergueu-se como um grande pan-africanista e divulgador da cultura negra africana pelo continente. Nesse sentido, na década de 1950, juntamente com o santomense Francisco Tenreiro, foi um dos criadores do Centro dos Estudos Africanos (CEA), onde o mesmo, com outros membros, questionava com sua poesia negra sobre a instalação do colonialismo europeu no continente africano, e por consequência sobre a sua dominação sob as culturas africanas (Tenreiro e Andrade, 2012). Conduzido por um ideal nacionalista crítico de liberdade, o ativista político Mario Pinto de Andrade também atuou como cineasta, no qual produziu filmes como “**Sambizanga**” (1972) e o “**Monangambée**” (1968), os quais abordam a temática da guerra da independência de Angola frente ao jugo colonial português (1961-1974).

Nesse sentido, na década de 1980 começou a se difundir outra filosofia no seio do povo, por conta de seu contexto de conflito que fora o ideal de unidade e reconciliação nacional, defendido principalmente pelos membros do partido Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA). Por este motivo, o partido ficou conhecido como o movimento político e nacionalista da unidade e reconciliação nacional, o qual se configurava como uma utopia. Porque, em conformidade com Capoco (2013), após a independência, este projeto foi traçado de acordo com interesses do partido MPLA, enquanto partido único, de manter a soberania total do país e a cooperação com a comunidade internacional, principalmente dos países aliados ao MPLA na guerra civil.

O que se previa com reconciliação nacional, fruto da emancipação e autonomia cultural, segundo Capoco (2013), era a criação de uma sociedade aberta e liberal evidenciada pelos princípios democráticos. Para Cunha (2011, *apud* Serrano, 2008), esse projeto resultaria se MPLA, enquanto estado, conseguisse congregiar todas as etnias e regiões do país e enxergar que um ovimbundu, um kwanyama, um herero, um ambundu, um lunda, um bakongo, e outros grupos étnicos angolanos, e fazer com que eles fossem vistos, acima das diferenças culturais, como angolanos iguais que lutaram e resistiram ao regime colonial português.

Nessa perspectiva, o grande romance *A geração de utopia*, do emérito escritor angolano Pepetela, publicado em 1992, traça um panorama literário político sobre a geração do sonho da revolução, que seria a dos nacionalistas angolanos que idealizaram a independência do país, desde a Casa dos Estudantes do Império, em Lisboa, Portugal. Este romance conta o drama dos anos iniciais da luta contra o colonialismo português em Angola, em 1961, e os anos iniciais da independência do país, em 1980.

O romance descreve que a ideia central desta revolução foi a construção de uma Angola mais justa, sem privilégios e sem perseguições políticas, porém essa ideia foi simplesmente excluída pela luta incessante pelo poder da soberania do país, pois cada indivíduo queria defender a sua posição e sua ideologia. Portanto, o que ficou desta geração, segundo o romance, é o discurso vazio, porque os conflitos civis internos soterraram o avanço e a concretização dessa revolução:

Como todos, enquanto são dirigentes. São todos capazes e honestos, sem exceção. Quando um deixa de ser dirigente, então é que se sabe que afinal era um incompetente e um corrupto. A mitologia do poder, ou a mitificação dos homens do poder. Passa-se em qualquer religião ou seita. O chefe da seita é um santo, um desinteressado, adorado pelos fiéis. Quando cai, descobre-se que era o diabo e tem uma conta secreta na Suíça com milhões.

[...]. Fazes-me lembrar a Marta. Depois de tu saíres de Portugal, a Marta disse-me que tu só tinhas dois caminhos, ou morrer na guerra, o que seria o melhor para ti, ou

desencantares-te. Adivinhou. Porque perseguias um sonho utópico de revolução. Afinal desiludiste-te mesmo (Pepetela, 2013, p.187).

Nesse sentido, essa sociedade angolana pós-colonial da década de 1980 se estabelecia em meio a uma utopia de revolução. O seu principal ideal estava sendo construído a partir do totalitarismo do MPLA, o qual beneficiava apenas um seguimento populacional angolano, exclusivamente a elite luandense, composta por intelectuais negros, brancos e mestiços. Era uma “elite cidadina, transitando tranqüilamente da cultura europeia para a africana, acasalando-as com sucesso, num processo que vinha de séculos” (Mata, 2006, p.2). Segundo a *British-Angola Forum Conference Report* (2002), essa elite foi aquela que, na época dos conflitos armados internos, utilizava e se beneficiava das receitas do petróleo (a fonte primária da economia angolana) para o pagamento das contas militares e pessoais. Fanon (1968), em seu trabalho *Os condenados da terra*, caracteriza esses intelectuais como ardilosos e astutos, aqueles que reproduzem as normas de condutas e as formas de pensamento da burguesia colonialista, que se beneficiam do pouco recurso nacional.

A *British-Angola Forum Conference Report* também afirma que o projeto inicial do partido-estado MPLA, de reconstrução, reconciliação e de reintegração social das populações, não obteve êxito, porque os interesses do partido sobressaíram ao projeto de união nacional, pensada pelo próprio partido-estado. Decerto, estes conflitos civis segmentaram a sociedade angolana pós-colonial, o que certamente refletiu na sua construção nacional. De acordo com Chaves (1999), a luta armada em Angola afastou as possibilidades de qualquer tentativa de reconciliação nacional, que seria uma pauta necessária da agenda pós-colonial no país, de pensar a nação a partir da resistência dos angolanos contra o sistema colonial. Porém os interesses políticos dos movimentos anticolonialistas MPLA e UNITA (União Nacional para Independência Total de Angola), envolvidos nos conflitos civis, sobressaíram a esta ideia, que era de afirmação da pluralidade cultural dos povos que configuravam o território angolano.

A guerra civil em Angola espelhou em grande escala a precariedade do país, que resultou na enorme desigualdade e exclusão social, para além das contradições políticas do processo de democracia frágil e no difícil desenvolvimento social, econômico e cultural do país (Abreu, 2006). É a partir desse contexto que o nosso objeto de estudo se constrói, pois, o romance *Bom dia, Camaradas* (BDC)⁴ é uma narrativa que traça uma linha tênue entre a expectativa da construção do estado novo angolano e a influência dos conflitos civis nessa

⁴ Ao longo deste texto será usada abreviatura BDC, conforme no trabalho de Muraro (2008), intitulado “Luanda, camarada, Luanda”, para se referir ao romance *Bom dia, Camaradas*, da edição brasileira de 2014.

formação social, política e cultural, com foco central na sociedade de Luanda, “cidade literária” angolana, o espaço do imaginário preponderante na vida nacional, (Macedo, 2008).

O enredo do romance BDC centra-se nos anos finais da década 1980 e anos iniciais de 1990, que era um tempo histórico angolano de várias tensões políticas entre os partidos políticos MPLA e UNILTA devido a intensificação dos conflitos civis. Todavia, a busca pela identidade nacional do partido-estado que se criara após 1975, ou seja, a formação da “fisionomia própria do pensamento nacional” (Machado, 1973, p.32) também era o foco central dessa sociedade, que se erguia em meio as várias imposições políticas, de excessos de segurança e de controle muito rígido, como descrito pelo narrador Ndalú no trecho abaixo:

[...] em Luanda não se podia tirar fotografias assim à toa. O FAPLA disse: a máquina está detida por razões de segurança de Estado! Depois explicara-lhes que não podiam estar a tirar fotografias no aeroporto, ele disse que só estava a fotografar o macaco e a mulher, mas o FAPLA filipou e disse que a mulher e o macaco estavam no aeroporto e que nunca se sabia onde é que aquelas fotografias iam parar. Desci do capô, só pensei ainda bem que não houve tiros, porque às vezes as balas perdidas matam pessoas[...] (Ondjaki, 2014, p.36).

Sob o olhar de Ndalú, um menino de classe alta de Luanda, o romance descreve a partir de imagens e histórias, e da estrutura social e cultural, o estado devastado do país pelo massacre colonial e pela guerra civil entre os movimentos nacionalistas, estabelecendo assim um comparativo entre o “tempo do antigamente”⁵ e o retrato livre de Angola marcada por estes conflitos civis e pela presença cubana no país e da URSS. Isto é, o narrador recupera o ontem colonial no hoje livre, (Franco, 2008). Estes comparativos são estabelecidos através dos diálogos entre Ndalú e o camarada António, cozinheiro da casa da família de Ndalú, a figura que representa o passado colonial angolano, aquele que viveu e participou da transição histórica de Angola, de um país colonizado a um país livre.

O menino-narrador goza de uma situação socioeconômica melhor por ter pais funcionários do aparelho do partido-estado, pois seu pai trabalhava em um dos ministérios da cidade capital e sua mãe era professora. E ao narrar a história, ele parte de um lugar de privilégio, mas isso não o impede de descrever Luanda, emergida nos ideais socialistas, a afeição dos governos da África lusófona, como sublinhado por Leite (2003), através de suas particularidades, de sua diversidade cultural e étnica, dos “mujimbos” (boatos) das guerras coloniais, dos mitos e histórias que marcavam o cotidiano do país.

⁵ Tempo histórico angolano que se estabeleceu com a chegada dos portugueses no país. São períodos que narram a vivência dos angolanos durante a colonização portuguesa.

No entanto, esses elementos estavam sempre atrelados a guerra civil. Segundo Secco (2008), o cenário bem como os horrores das guerras em Angola, descritas figurativamente e metaforicamente ou literariamente, podem ser ressignificadas pela beleza e excelência da arte, mas a concretude desses conflitos transcende essa representação. Porque, de acordo com autora, as guerras civis em Angola se tornaram em duelo e verdadeiras carnificinas entre irmãos da mesma pátria que se digladiavam pelo poder da soberania total do país.

A partir dessa ótica, a idealização da criação de um novo estado angolano, em meios ao caos dos conflitos internos, ressaltava a superficialidade do próprio partido-estado, porque as guerras, além das mazelas sociais que resultaram na destruição do país, deixavam danos morais, emocionais irreparáveis e sofrimentos reais, (Secco, 2008). Isto é, o país se formou em meios ao caos da luta colonial e posteriormente dos duelos entre os movimentos nacionalistas, tornando o alcance da paz, tão desejada, uma realidade distante das vivências dos angolanos.

A ideia de um estado verdadeiramente livre, após a independência, sem conflitos, foi sucumbida pela luta armada interna, o que refletiu em grande escala na vivência e na história social, econômica, política, principalmente cultural dos angolanos. Pois, a guerra civil é um acontecimento que faz parte, até os dias atuais, do imaginário social de Angola. A guerra é uma cicatriz nacional de Angola, que acarretou várias implicações na sociedade angolana, “é uma espécie de referência que todos já se habituaram, uma entidade anônima e autônoma que parece agir por conta própria, sem intervenção humana” (Ramos, 2017, p.159). Como sublinhado no próprio romance *Bom dia, Camaradas*:

[...]. É impressionante, eu costumava a observar que toda a gente desenhava coisas relacionadas com a guerra: três pessoas tinham desenhado akás, duas tinham desenhado tanques de guerra soviéticos, outros fizeram makarov's [...].

Desenhar armas era normal, toda gente tinha pistolas em casa, ou mesmo akás, senão sempre havia um tio que tinha, ou que era militar e mostrava o funcionamento da arma, [...].

Isso da guerra, das armas, também porque todo mundo já tinha visto e alguns até já tinham disparado pistolas, originava grandes conversas na hora do intervalo sobre esses temas quentes. Havia até pessoas que sabiam mujimbos do Kuando Kubango, [...]. (Ondjaki, 2013, p. 126-127).

Assim, o romance *BDC* de Ondjaki tangencia um dado momento importante da literatura angolana, nos quais são perceptíveis os reflexos da realidade da pós-independência, das consequências da guerra civil e da tentativa da reconstrução identitária do país. Essa escrita de Ondjaki também enuncia literariamente, além da expectativa da formação do estado novo, o retrato de uma Luanda erguida nos fios da desigualdade, da segregação, da pobreza e da penúria

social dos musseques de Luanda. Esses musseques, segundo Ervedosa (1963), são lugares ocupados majoritariamente por negros indígenas angolanos de baixíssima renda, criadas, lavadeiras e quitadeiras que desciam à Cidade Baixa, para efetuar os seus deveres, logo, são lugares de estórias além da realidade dos centros da cidade capital.

Ervedosa caracteriza esses espaços como lugares impulsionadores e fomentadores da cultura do país, “quer dizer o musseque é um espaço transcultural que faz a ponte entre a cidade e o campo” (Pepetela, 1990, p.107, *apud* Muraro, 2012, p.69). Ademais, o romance BDC observa o período do pós-colonial como uma fase, apesar da guerra civil, propício para se pensar Angola por meio das vozes dos angolanos, porque acredita-se que “nação é construída no pensamento de todos os angolanos que antecederam às revoltas, à resistência e à revolução. Os guerrilheiros regaram a unidade com sangue, suor e lágrimas de todos angolanos e angolanistas” (Sabonete, 2010, p. 65).

A construção dessa nação significaria a abertura de novos ciclos e novos paradigmas para o próprio país. Porém, a guerra civil segmentou o país, caracterizando Angola como lugar de “ pátrias divididas” (Secco, 2008), o que tornou este embate não apenas civil, militar ou político, mas cultural porque afetava as relações culturais entre os povos que compunham o mosaico social e cultural angolano. De acordo com Brugioni (2019), esse conflito cultural também é um dos paradigmas da abordagem crítica da matriz pós-colonial, que validam narrativas de exclusão cultural, desigualdade e injustiça social e de relações de classe.

Nesse sentido, em 1975, após MPLA expulsar os partidos UNITA e FNLA, em novembro do mesmo ano, o MPLA conseguiu proclamar unilateralmente a independência do país em Luanda, na cidade capital, sem a presença de nacionalistas de outros partidos que lutaram contra o jugo colonial. E a UNITA, segundo realça Visentini (2012), com o apoio sul-africano, na mesma data, também proclamava a independência da República Democrática de Angola no Huambo (província angolana localizada no planalto central do país). No entanto, dentre essas proclamações, a independência proclamada pelo MPLA foi a única reconhecida internacionalmente, o que “legitimou” o partido como o único movimento e partido representante do povo angolano, aquele que assumiria a soberania total do país, como afirma Cascudo (1979, p.130):

Na manhã do dia 10 de novembro, o Alto-Comissário Leonel Cardoso reuniu a imprensa angolana e os correspondentes estrangeiros em Luanda, para sua derradeira entrevista. Passou o poder aos responsáveis do MPLA. Afirmava, em seu discurso, que "deixava Luanda entregue à vontade do seu povo". Após quatro séculos de domínio sobre Angola, após criar, em África, as bases de uma civilização e de uma cultura ocidentais, após vencer as barreiras do tempo e das distâncias, Portugal

deixava a terra que colonizou, pela porta dos fundos, numa pequena lancha, que transportava o Sr. Alto Comissário para bordo de uma fragata, na baía de Luanda, onde, onde ainda tremulava, palidamente, na popa, a bandeira portuguesa [...].

Assim, o governo do MPLA, enquanto partido-estado, abrangia apenas algumas das províncias do país, incluindo Luanda, Malanje, Kwanza Norte, porque as outras estavam sob domínio da UNITA. Logo, o sentido da unidade nacional pregada pelo partido-estado, por “*um só povo, uma só nação*”⁶, que evidenciava a construção da nova nação angolana, só se vivia nas províncias supracitadas. Assim, analisar a formação da nação e desta identidade angolana concebida a partir destes espaços, especialmente de Luanda, é o cerne deste trabalho, porque é uma ideia de nação que não abrange todas as especificidades, identidades étnicas e culturais do país.

A literatura angolana, em especial a escrita por Ondjaki, é um campo de estudo que possibilita analisar e entender a construção da identidade nacional. Isto é, as diversidades culturais, que são elementos importantes para construção de uma identidade angolana, são reforçadas nas literaturas angolanas, visto que elas trazem análises bem exploratórias sobre transformações sociais e culturais do país. Em conformidade, Freire (2017) afirma que os romances angolanos, nos quais as suas narrativas são descritas nestes cenários (pós-coloniais), apresentam em seus textos literários as mudanças históricas, sociais e culturais vividas por um povo.

Neste caso, torna-se imprescindível afirmar neste trabalho que no final da década de 1980 Angola viveu um período curto de cessar-fogo (calar das armas), por causa da projeção dos Acordos de Bicesse ou de paz, que foram assinados em 1991 para a realização de eleições justas e democráticas, que respaldariam a transição de guerra para paz. Pois, de acordo com Pestana (2004), a guerra civil foi o maior impasse para democracia no país, no entanto, assim como a guerra, a paz também poderia ser usada como instrumento de poder neste estado novo que se criara após a realização das primeiras eleições.

[...] o acordo de paz, assinado em Bicesse, assemelha-se bastante a outros acordos da altura em muitas das suas características, tais como o objetivo de democratização das instituições políticas e de escolha entre os dois lados em conflito através de um processo eleitoral precedido por uma 'transição'. Os atores angolanos [eram] o MPLA no governo e os rebeldes da UNITA [...]. O que torna diferente o caso de Angola é a interligação das questões nacionais e internacionais em jogo. As negociações oficiais iniciaram-se em Portugal em 1990, sob os auspícios de uma Troika composta por Portugal, a URSS e os EUA, com estes a exercerem mais peso. As negociações

⁶ Palavra de ordem e união, utilizada após a independência de Angola, pelos nacionalistas do MPLA durante os seus comícios a fim de levar o povo a refletir acerca da unidade nacional e a construção de uma cultura nova, (Araujo, 2005).

obrigavam logo à partida o MPLA a abandonar o marxismo-leninismo e a adotar um sistema multipartidário e, mais tarde, em Maio de 1991, e apesar de continuar a ser 'o governo', a assinar um acordo de paz com uma UNITA que era reconhecida como um 'partido' em pé de igualdade com o MPLA. O acordo forçava ainda o MPLA a realizar eleições após um período de transição, durante o qual se deveria proceder à desmilitarização das duas forças e à formação de um exército único, de forma a assegurar o respeito pelo voto. (Messient, 2004, s/p, *apud* Muraro, 2012, p.44).

Esse acordo de paz, assinado em 1991, para a realização das primeiras eleições democráticas em Angola, também não resolveu a problemática dos conflitos civis, pelo contrário fomentou profundamente a rivalidade entre os partidos políticos MPLA e UNITA, porque os termos do mesmo acordo, mais uma vez, não foram respeitados depois do resultado das eleições que atribuía a vitória ao MPLA. Por este motivo, as literaturas angolanas pós-coloniais continuam versando acerca das implicações destes conflitos no processo de construção da identidade angolana, pois isso traduzia o anseio pela liberdade e pela paz, (Muraro, 2006).

3 PÓS-COLONIALISMO COMO ELEMENTO LITERÁRIO EM *BOM DIA, CAMARADAS*

“O viver do angolano sempre foi muito oprimido sob o jugo colonialista, quinhentos anos sempre a sofrer. Mas agora chegou a hora de dizer não ao colonialismo. Agora chegou mesmo a hora de dizer não ao neo-colonialismo. Éh Mwangola” (David Zé, 1975).

Os estudos de literaturas angolanas pós-coloniais, aquelas produzidas após a independência do país, em 1975, têm centrado suas narrativas na abordagem literária sobre o pós-colonialismo ou acerca das teorias pós-coloniais, tendo como cerne os efeitos e as reverberações coloniais na sociedade angolana, especificamente no seu processo de reconstrução social e cultural. Por esta razão, segundo Bernard (1992), essas literaturas têm um caráter emergente, porque sobre elas estão fadadas o desempenho do papel importante na formação da consciência nacional. Assim, obras como o romance *Bom dia, Camaradas*, de Ondjaki, que se constrói em meio ao contexto angolano pós-colonial da década de 1980, abre um questionamento acerca desse período, sobre os ecos dessa fase na vida social e cultural do povo e sobre a formação da identidade deste povo que se criara nessa década.

Sob o mesmo ponto de vista, Leite (2003), em sua obra “Literaturas africanas e formulações pós-coloniais”, afirma que existe uma emergência de estudar a adequação das teorias pós-coloniais às literaturas de língua portuguesa, como meio de discussão dos efeitos culturais da colonização, com o intuito de elaboração de teorias ou contra discursos às resistências as ideologias colonialistas. Assim, a fase pós-colonial descrita no romance BDC conjectura a criação de um novo paradigma nacional que conduz a ideia de progresso, aquela que “(...) reflete sobre a sua própria condição periférica, intentando adaptar-se à lógica de abertura de novos espaços (...), (Mata, 2006, p.1), conforme descrito no trecho abaixo do BDC, no qual Ondalu cita as palavras de ordem de seu professor cubano Ángel, para celebrar a nova fase do país:

[...]como nos disse o camarada professor Ángel, um brinde ao futuro de Angola, neste novo rumo, um brinde ao futuro de Angola neste novo rumo, um brinde ao Homem do amanhã, e claro, como é que íamos esquecer isso, Cláudio?, um brinde ao Progresso! (Ondjaki, 2014, p.110)

A fase pós-colonial descrita no romance, que se configura como esse novo progresso nacional, pode ser descrita a partir de duas dimensões, segundo Sousa Santos (2003). A primeira diz respeito à sua concepção histórica, a qual traça o período que sucede as independências das colônias, ou seja, demarca cronologicamente estas sociedades após as proclamações. E a segunda, que é a mais relevante para este trabalho, corresponde às práticas discursivas culturais, como mencionado anteriormente, que anulam as narrativas criadas pelo colonizador sobre o povo, a língua, a identidade e a cultura do povo colonizado. Isto configura o caráter transversal que transcorre os estudos literários, que é aquele que aponta diretamente para os males da colonização, como mencionado por Secco (2013).

O discurso literário pós-colonial na obra BDC direciona-nos para os questionamentos da sociedade colonial estabelecida no país durante o período colonial e fundamentalmente para o ideal pós-colonial, que era de reconstrução e reconciliação nacional. Porém, essa fase, que abriria caminhos para novos paradigmas nacionais, foi severamente atravessada pelos conflitos civis entre o UNITA e MPLA, o que influenciou em grande escala a compreensão do período pós-colonial. Porque esta fase se estabeleceu em meio às incertezas e angústia (quanto ao alcance da paz), da miséria, da pobreza e da fome intensificadas por estas guerrilhas entre os movimentos.

Portanto, a guerra civil em Angola, detalhada no romance BDC, era um aborrecimento nacional, fazendo com que as práticas pós-coloniais necessárias para o processo de descolonização não fossem vividas pela população. Porque o povo, em todo o país, refletia os males desses conflitos de forma veemente, mesmo na capital do país, em Luanda, que era um espaço ocupado pelo MPLA que não foi palco principal das batalhas, mas as sequelas da guerra atingiram toda a população angolana (Franco, 2008). Isto é, como descreve o romance BDC, a “guerra é que faz um país ficá com comichão... Vucê coça, coça e depois começa sair sangue, sangue... Guerra é quando vucê para de coçá mas inda tá sair sangue...”(Ondjaki, 2014, P.128).

3.1 “BOM DIA, CAMARADA ANTÓNIO”

O romance BDC inicia-se com um diálogo marcante e interessante entre Ndalú, o menino-narrador, e os mais velhos da narrativa, especificamente com o camarada⁷ António, da

⁷ Palavra de união, que representava o patriotismo e o saudosismo, utilizado por membros e aliados do partido-estado MPLA.

província do Bié⁸. Esta conversa é o epicentro de abordagem e análise literária do romance BDC. Porque o mesmo evidencia a ligação e distinção entre a realidade do passado colonial angolano e o presente do país refletido nos conflitos civis. Isto é, a comunicação entre os dois se estabelece em meio a questionamentos e comparações entre o antigo, também chamado na narrativa como tempo do branco colonial, que reforça o discurso colonial pregado nas ex-colônias pelo colonizador, e o novo, que transmite a ideia de emancipação e liberdade, observando vantagens de viver nessa liberdade sem a opressão colonial, como mencionado nos trechos abaixo:

- Mas, camarada António, tu não preferes que o país seja assim livre? (...).
- Menino, no tempo do branco isto não era assim...
- Depois, sorria. Eu mesmo queria entender aquele sorriso. Tinha ouvido histórias incríveis de maus-tratos, de más condições de vida, pagamentos injustos, e tudo mais. Mas o camarada António gostava dessa frase dele a favor dos portugueses, e sorria assim tipo mistério.
- António, tu trabalhavas para um português?
- Sim...- sorria. – Era um senhor diretor, bom chefe, me tratava bem mesmo...
- Mas isso lá no Bié?
- Não. Já aqui em Luanda mesmo; eu já tou aqui há muito tempo, menino... in da o menino não era nascido... (Ondjaki, 2014, p.11-12).

Inicialmente, é importante destacar que, pelos seus discursos iniciais, percebe-se que o personagem camarada António e Ndalú representam os estágios diferentes da história social de Angola. Dessa forma, compreendemos que é estratégia de Ondjaki, autor da obra estudada, usar uma criança como narrador do romance, tendo em conta o contexto no qual é centralizada a narrativa, de começo e de reconstrução nacional do país após o colonialismo, na década de 1980. Por este motivo, Ndalú, com a sua inocência de criança e sua consciência política, simboliza o renascer angolano, enquanto país novo, na perspectiva da independência, que se erguia através das mãos dos angolanos.

Entretanto, a figura do camarada António marca o permanente discurso colonial na sociedade angolana pós-colonial. Esse discurso preponderante na esfera social pós-colonial arranca a consciência nacional do povo liberto, tornando-os aprisionados mesmo estando “livres” da dominação colonial. Porque esse discurso jamais mudará a condição de criado e subalterno em um ser liberto culturalmente. Isto é, o colonizador português achou formas de manter o seu domínio após a colonização, que é através do imaginário cultural do povo oprimido, fazendo com que os próprios colonizados defendam o colonizador e a sua prática bárbara. Aime Cesaire, na sua magna obra *Discurso sobre o colonialismo*, de 1978, nos leva a

⁸ Província angolana situada na região central do país.

entender que a compreensão do discurso do colonialismo perpassa as barbáries dessa prática, que foi, segundo o mesmo, um ato desumano que coisificou e negou a civilização dos povos oprimidos, conforme afirma:

Entre o colonizador e colonizado, só há um lugar para o trabalho forçado, a intimidação, a pressão, a polícia, o imposto, o roubo, a violação, as culturas obrigatórias, o desprezo, a desconfiança, a arrogância, a suficiência, a grosseria, as elites descerebradas, as massas aviltadas.

Nenhum contato humano, mas relações de dominação e de submissão que transformam o homem colonizador em criado, ajudante, comitê, chicote e o homem indígena em instrumento de produção (Cesaire, 1978, p.4).

Diante desse cenário apresentado, como explicar o discurso do camarada António, como descrito por Ndalú, a favor dos brancos, mesmo vivenciando a situação colonial de maus tratos, de péssimas condições de vidas para os angolanos e de injustiças sociais absurdas, que nem se comparavam com a real situação do passado colonial? Certamente, esse discurso do camarada António aponta para dois sentidos do mundo do angolano colonizado livre. O primeiro tem a ver com o que Fanon (1968) chama de “elemento corrosivo”, que é aquele que reproduz inconscientemente a conduta e as formas de pensamento da burguesia colonial, ou seja, um ser assimilado, por causa da agressividade do processo colonial na vida do colonizado que identifica-se com a cultura do colonizador português branco. E o outro é resultado da própria criação do partido-estado angolano, que se criara em meio ao caos nacional de conflitos civis, e isso, segundo Neto (1974), matou a mística esperança do país totalmente livre e revolucionado, como mencionado no trecho abaixo, em que há uma continuação do diálogo entre Ndalú e camarada António:

- Mas, António... Tu não achas que cada um deve mandar no seu país? Os portugueses tavam aqui fazer o quê?

- É! menino, mas naquele tempo a cidade estava mesmo limpa... tinha tudo, não faltava nada...

- Ó António, não vês que não tinha tudo? As pessoas não ganhavam um salário justo, quem fosse negro não podia ser diretor, por exemplo...

-Mas tinha sempre pão na loja, menino, os machimbombos funcionavam... – ele só sorrindo.

- Mas ninguém era livre, António... não vês isso?

- Ninguém era livre como assim? Era livre sim, podia andar na rua e tudo...

- Não é isso, António – eu levantava-me do banco. – Não eram angolanos que mandavam no país, eram portugueses... E isso não pode ser... (Ondjaki, 2014, p.12-13).

Os conflitos civis em Angola, para além de acabar com o sonho da nação libertada e emancipada culturalmente, que, conforme Chaves (2000), era o discurso literário angolano, atravessado pelo querer de um resgate do passado pré-colonial angolano, perpetuavam os

odores fortes da corrupção, da penúria social, a da fome extrema e da miséria. Ou seja, revendo “o antes e o depois” da paz assinada em 1992, o sujeito poético confessa uma terrível descrença nos homens, nas emoções e nos anseios de todos”, (Secco, 2008, p.22). Nesse sentido, o discurso de António “a favor dos portugueses” também reverbera o desalento, as cicatrizes e os sofrimentos das populações angolanas, durante e após o duelo entre MPLA e UNITA, e da estrutura e o *modus vivendi* dessa sociedade angolana após a colonização.

Assim, no diálogo entre Ndalú e o cozinheiro de sua casa, acima destacado, fica sublinhado através das respostas de António que, apesar do alcance da independência, o país não vivia a liberdade almejada, porque as guerras civis destruíram o país, dividiram a pátria e segregaram a liberdade advinda dos processos de luta pela libertação de Angola frente ao jugo colonial. Dessa forma, a nação livre, questionado por Ndalú, não vivia o seu ideal de nação emancipadora. Pois, essas guerrilhas travadas entre a UNITA e o MPLA, incentivadas, segundo Secco (2008), pelo cenário da bipolarização (capitalismo x socialismo)⁹ abrigavam de igual modo os ganhos e intenções geopolíticas mundiais e no quadro trágico de catástrofes e vivências únicas de dores no mundo do colonizado.

Para Ndalú, o retrato de Angola colonizada descrita pelo camarada António, a cidade limpa, na qual não faltava nada, onde os *machimbombos* (autocarros) sempre funcionavam e não tinha ausência de pão, não se comparava ao retrato do país livre e emancipado, mesmo com problemas graves de guerra civil. Porque a comparação entre as duas cidades (colonial e livre) faz parte do contínuo jogo de dominação colonial, portanto as diferenças entre os dois retratos sociais, segundo Macedo (2008), serão sempre dramáticas. A respeito disso, Fanon (1968), na sua obra *Os condenados da terra*, sublinha que essas diferenças entre a cidade do colono e a cidade do colonizado reafirmam a contínua dominância colonial nas zonas libertadas.

Segundo Fanon, essas diferenças não tornam a opressão colonial e nem acobertam a dominação, pelo contrário, fomentam esse discurso colonial. Nesse sentido, os questionamentos do menino Ndalú ressignificam a concretude da ideia de liberdade apresentada pelo camarada António, porque na cidade do colono, os angolanos negros indígenas eram seres oprimidos na sua própria terra, os quais viviam o “drama duma raça, drama de carne e sangue!”, e encarados como “filhos da desgraça: a enxada é o seu brinquedo, trabalho escravo” (Cruz, 1961, p.54).

⁹ No conflito interno angolano, a UNITA recebeu o apoio político, militar e econômico dos Estados Unidos da América, que era adepta ao capitalismo, e o MPLA, além da Cuba, também recebeu o apoio da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), que adotara a ideologia socialista como o melhor sistema de governação. Nesse sentido, com estes apoios internacionais, este conflito civil foi internacionalizado, porque, a partir desse instante, não se tratava apenas da luta pela soberania total do país, mas de uma luta ideológica, pois ambos os partidos também guerrilhavam para sua afirmação ideológica na esfera nacional e internacional.

Nessa ótica de ideias, de acordo com Fanon, essa distinção entre a cidade do colono, conhecida pela sua solidez, luminosidade, saciedade, limpeza e de boas coisas, pois era a cidade do branco colonizador; e a cidade do colonizado, a cidade caída, aquela que é mal afamada, faminta de pão, de luz; adveio do seu contexto colonial em que residia todas as realidades sociais e econômicas díspares entre o colono e o colonizado. Isto é, nas ex-colônias portuguesas “a causa é consequência: o indivíduo é rico porque é branco, é branco porque é rico”, (Fanon, 1968, p.23). Portanto, nessa sociedade colonial nenhum angolano atingia o estatuto livre, porque a cultura operante no país era a do colonizador e os recursos econômicos dos angolanos estavam sob domínio dos portugueses colonizadores, então, como descreve Ndalu “não eram angolanos que mandavam no país, eram portugueses... E isso não pode ser” (Ondjaki, 2014, p. 13).

Os questionamentos levantados por Ndalu acerca da diferença entre o cenário colonial angolano e o independente do país, residiam no imaginário cultural pós-colonial dos angolanos que viveram e contemplaram a passagem de Angola de um país colonizado a um país livre do colonialismo e posteriormente a experiência do decorrer da guerra civil. Porque, após a independência, durante os conflitos internos entre os irmãos da mesma pátria, o povo sofria pela dor da guerra e pelas mazelas causadas por este duelo. Pois, havia uma descrença, um sentimento de inutilidade frente a guerra e às utopias revolucionárias que ficaram para trás (Secco, 2008). Contudo, o sofrimento é o retrato pós-colonial vivido pela população angolana, que reconstruiu o país no meio do caos desses conflitos, como também sublinhado no romance BDC:

[...]todos os angolanos tinham alguma paranoia com as armas ou armamentos, todos tinham uma estória para contar que envolvia uma arma, uma pistola, uma granada, [...] um modo, digamos assim, coletivo de vivenciar a guerra e os seus episódios, os combates e suas consequências, mesmo que fosse de ter ouvido falar, ou de ser escutado na rádio, antigamente, nos dias em que a guerra de facto havia sido um elemento cruel mas banal da realidade e, ainda hoje, dissociar a guerra do quotidiano era quase pecado, (Ondjaki, 2014, p. 194).

Portanto, a guerra civil impactou grandemente a nação angolana, porque a mesma foi erguida pelos fios da desigualdade, da segregação, da pobreza e da penúria social, que são em maior escala consequências desses conflitos armados. E o período pós-colonial em Angola, de acordo com Hamilton (1999), abriu novos espaços com discursos e situações que indagam essa construção social alicerçada na penúria e na desigualdade social do país. Por essa razão, “O país dói-me... a guerra, os desentendimentos políticos, todos os nossos desentendimentos, os de dentro e os que são provocados por aqueles que são de fora” (Ondjaki, 2013, p.167).

3.2 “POR RAZÕES DE SEGURANÇA DE ESTADO”

Inicialmente, vale mencionar neste trabalho que Ndalu com seu olhar transparente nos leva a enxergar, antes do caos político que dominava a capital por causa da guerra, os cheiros das manhãs de Luanda, abraçadas pelo ar fresquinho da capital, que se abria, se fechava e mudava em meio ao silêncio e barulho das armas da guerra. Luanda era uma cidade que se erguia em meios aos mujimbos do caixão vazio¹⁰, das estórias do bairro pobre do Murtala, das estórias sem fim de revolução dos camaradas professores cubanos e do mercado do Roque Santeiro. Desta forma, pesar da comichão da guerra e dos ruídos desse conflito, Luanda, em sua belíssima negrura, fervia, em meio ao ruído, a vontade de revolução e de avanço de uma “gente” heroica e acolhedora das mudanças da independência.

Se, quando me acordavam, eu lembrava do prazer do matabicho assim demanhãzinha, eu acordava bem-dipsosto. Matabichar cedo em Luanda, cuia! Há assim um fresquinho quase frio que dá vontade de beber leite com café e ficar à espera do cheiro da manhã. Às vezes mesmo com os meus na mesa, nós fazíamos um silêncio. Se calhar estávamos mesmo a cheirar a manhã, não sei, não sei, (Ondjaki, 2014, p.19).

Luanda, como descrito por Macedo (2008), constitui-se como emblema da resistência, um espaço da realização do anseio da libertação frente ao jugo colonial, que ecoou os gritos da independência. A respeito disso, Costa Andrade, em seu poema “Luanda é a cidade”, da obra *Poema em movimento marítimo*, de 1997, alude que:

Luanda é a cidade
que não sabe se é cidade
se é país.
Tanto país se encontra nela
tanta cidade compõe este país
tão país e tão cidade
Luanda mulher criança velha
homem que por ela morre e vive
Do Mucussu às alturas do Belize.

No entanto, essa Luanda foi cercada pela guerra armada, que circulava livremente em cada canto do país. Desse modo, o medo da guerra fora traduzido pela insegurança política e instabilidade vivenciada nessa época. E o romance detalhe esse fato através da visita da tia de

¹⁰ O mito “Caixão vazio” era uma lenda que atemorizou Luanda e outras províncias de Angola nos anos de 1980. Este mito se tratava de um grupo de marginais armados, vestidos de preto que transportavam um caminhão que nele continha um caixão que estava vazio. Esse caminhão supostamente cercava as escolas, esperando os estudantes para roubar-lhes. Assim como é descrito no romance, esse grupo “gamam (roubam) mochilas, te chinam, violam miúdas e tudo, são bué eles, e nem a polícia vai lá, ché, também tem medo...” (Ondjaki, 2014, p.27)

Ndalu, a tia Dada, angolana residente em Portugal, que saía de Angola antes da independência do país. Antes da chegada do voo da tia Dada, Ndalu faz uma descrição caótica do aeroporto internacional de Angola, que era um lugar extremamente vigiado pelas Forças Armadas Populares de Libertação de Angola (FAPLAS), comandada pelo partido único no poder, o MPLA. Pois, segundo Pestana (2004), durante a guerra civil, o MPLA e o povo desenvolveram a “síndrome do medo” devido as interferências internacionais aliadas à UNITA, porque isto dificultaria a instalação da ordem nacional que se pretendia.

A despeito disso, Ndalu descreve que a chegada de um voo internacional sempre causava alvoroço, porque as FAPLAS tinham que fazer a segurança e a inspeção desses voos por razões de segurança de estado, como descrito no trecho abaixo:

Estava muita gente no aeroporto cá fora. É sempre assim quando chega um voo internacional. Ao pé da porta de saída das pessoas havia uma pequena confusão, ví os FAPLAS virem a correr, pensei ia sair tiro. [...]. Subi no capô do carro, espreitei por cima dos ombros daquelas pessoas todas. Até sorri: um macaco tão bonitinho estava a saltitar no ombro de uma senhora estrangeira, enquanto um senhor, acho que era o marido, lhe tirava fotografia, [...]. De repente, um FAPLA, aproximou-se por trás, esticou uma bofa no macaco, coitado, ele saltou, deu duas cambalhotas no ar, ainda gritou, caiu no chão e desatou a correr.
[...]. Aí a senhora começou a chorar, mas perceberam que aquilo era a sério. Coitados, eles não deviam saber que em Luanda não se podia tirar fotografias assim atoa. O FAPLA disse que a máquina está detida por razões de segurança de Estado! [...]. Desci do capô, só pensei ainda bem que não houve tiros, porque as vezes as balas perdidas matam pessoas, [...]. (Ondjaki, 2014, p.36)

Devido as diversas tensões políticas e militares entre a UNITA e o MPLA, o país, principalmente em áreas controladas pelo MPLA, ficou imerso a esse sentimento de medo, aplicando assim sob estas áreas controles rígidos para o próprio povo e para a comunidade internacional. Pois acreditava-se que “num país em reconstrução era preciso muita disciplina”, (Ondjaki, 2014, p. 15). Ao desembarcar em Luanda, depois de ter primeiramente cumprimentado os seus familiares, inclusive Ndalu, tia Dada deparou-se com o mesmo macaco agredido pelas FAPLAS, que já estava sorrindo de novo, e expôs a vontade de tirar uma foto com esse macaco, mas foi impedida pelo próprio sobrinho, por causa da segurança de estado:

[...]: podes ir chamar aquele miúdo para eu tirar uma foto dele com o macaquinho?
[..].
Não podes, tia. Não podes tirar fotografias àquele macaco!
Não posso tirar uma fotografia àquele macaquinho tão inofensivo?
Não, tia, não podes...
E porquê:
Não sei se vais perceber...
Então diz lá – ela, séria.
Não podes tirar fotografias àquele macaco..., por razões de segurança de Estado, tia – eu, sério, (Ondjaki, 2014, p.38).

A segurança de estado era uma das políticas do MPLA, enquanto partido-estado, de defesa nacional. Assim, as forças de defesas do MPLA, que era as FAPLAS, junto com as suas aliadas Cuba e URSS, nas décadas de guerrilha, trabalhavam para combater qualquer situação de risco à defesa da manutenção da soberania do país. Por isso, Ndalú avisara a sua tia Dada que em Luanda não se poderia tirar fotos sem autorização do próprio estado, porque não se sabia “onde é que aquelas fotografias iam parar” (Ondjaki, 2014, p.36).

A chegada da tia Dada abre caminhos para discussões sobre a estrutura do país durante os conflitos internos. Pois, o menino-narrador traça, mais uma vez, uma linha comparativa entre a sua realidade com relação a realidade de Portugal, onde a sua tia residia. Isto é, o comparatismo agora era entre a realidade socialista de Angola e realidade capitalista de Portugal. Isto acontece quando a tia Dada começa a distribuir as prendas que trouxera de Portugal. Ndalú, ao se deparar com a quantidade de prendas que a sua tia trouxera fica perplexo e pergunta a sua tia como ela conseguiu comprar tantas coisas de uma vez só. Porque em Luanda todo cidadão precisava ter um cartão de abastecimento que controlava a quantidade de compras que cada um levava, ou seja, era um cartão que controlava as pessoas e o que elas consumiam:

- Tia, não percebo uma coisa...
- Diz, filho
- Como é que trouxeste tantas prendas? O teu cartão dá para isso tudo?
- Mas qual cartão? – ela finge que não estava a perceber.
- O cartão de abastecimento. Tu tens um cartão de abastecimento, não é? – eu, apensar que ela ia dizer a verdade.
- Não tenho nenhum cartão de abastecimento, em Portugal fazemos compras sem cartão.
- Sem cartão? E como é que controlam as pessoas? Como é que controlam, por exemplo, o peixe que tu levas? – eu já nem lhe deixava responder – Como é que eles sabem que tu não levaste peixe a mais?
- Mas eu sempre faço as compras que quiser, desde que tenha dinheiro, ninguém me diz que levei peixe a mais ou a menos...
- Ninguém? – eu estava mesmo espantado, mas não muito, porque tinha certeza que ela estava a brincar. – Nem tem um camarada na peixaria que carimba os cartões quando levantas os peixes à quarta-feira? (Ondjaki, 2014, p.45-46).

Esse cenário socialista adotado pelo MPLA, enquanto partido-estado, imperava no país desde 1975, na década da proclamação da República Popular de Angola. Pois, após a proclamação da república, Angola, através do MPLA, assumiu-se como um estado socialista monopartidário, no qual admitia a existência legal do MPLA como único partido representante do povo angolano. Logo, a ideia de contar por igual o que as pessoas compravam e consumiam ou mesmo o *modus vivendi et operandi* da população Luandense, apresentados por Ndalú no romance, faziam parte desse ideal socialista que o país adotara como seu “melhor” sistema de governação.

Em conformidade, Pestana (2004), sublinha que apesar desse igualitarismo promovido pelo ideal socialista angolano, o cenário social populacional sofria, não se beneficiando das posses do país. Porque existia uma elite econômica formada por dirigentes que aproveitavam-se da riqueza social, pois, segundo o autor, todo controle do estado estava sob domínio do partido único. Assim, no final da década de 1980, segundo Pestana, Angola sofrera com uma crise do petróleo, a sua fonte primária de renda, e isso criou um *déficit* no orçamento geral do estado e degradação da capacidade do poder de compra, o que não era apenas consequência da guerra, mas da intensa centralização de poder e da corrupção do próprio partido. Portanto, Pestana (2004, p.17) afirma que:

Não havia, no entanto, uma verdadeira intenção de reforma, uma renúncia ao projecto político autoritário mas tão-somente um espírito de sobrevivência do poder, uma permanente “reconversão da nomenclatura burocrática”, uma procura de actualização do repertório político de legitimação e, consequentemente, da base social de apoio, até porque se desenvolveu, à margem do Estado planificador mas beneficiando da sua extorsão, um sector de negócios que se juntou aos empresários privados que resistiram à política de exclusividade estatal.

Por ser criado em um meio socialista, Ndalú fica perplexo com as respostas da tia Dada, por que ela apresenta-lhe uma realidade diferente daquela que ele estava inserido. Mas antes disso, Ndalú e a sua tia, no dia seguinte, saíram a passeio, para uma visita guiada pela cidade de Luanda. E durante este passeio pelo entorno da cidade, o menino narrador apresentou detalhadamente e comicamente os lugares centrais da capital. O passeio começou no Alvalade, onde o narrador, num tom bem-humorado, mostrou a sua tia a piscina do Alvalade, que era uma fonte de água que transbordava pelos passeios e pelas ruas esburacadas de Luanda. O tom de humor de Ndalú, escondia um menino com uma compreensão política e social crítica sobre o seu país:

- Tás a ver ali, tia? – aponte para retunda que se via lá em baixo.
- Sim...
- Ali é a piscina do Alvalade! – o camarada João começou já rir, ele sabia o truque.
- Mas não vejo piscina nenhuma, filho...
- Não vês porque estamos longe, mas quando chegarmos lá vais sentir. [...]
- Agora já vês, né, tia? – eu ria, ria.
- É aqui?
- Sim, esta é a piscina-dois do Alvalade (Ondjaki, 2014, p.48).

No entanto, o ponto cume dessa visita foi a passagem dos dois à Fortaleza São Miguel, que era uma área militar criada ainda no tempo colonial. Mas com a transição política do país, quando se proclamou a independência, esse lugar pertencia especificamente aos FAPLAS.

Assim, durante a passagem à Fortaleza, que estava cheia de militares das FAPLAS, os dois ouviriam uma sirene, o que despertou imediatamente a consciência política de Ndalú e de camarada João, que os acompanhara, que encostou, desligou e saiu do carro de forma rápida. Porque a sirene poderia simbolizar a passagem do representante do poder angolano pelas ruas de Luanda, e eles precisam ficar em sentido, por razões de segurança de estado:

A marginal tinha FAPLAS com metralhadoras e obuses e de repente começamos a ouvir as sirenes. Deve ser o camarada presidente que vai passar, eu avisei, talvez lá em Portugal seja diferente e ela não saiba. O camarada João encostou o carro imediatamente no passeio, travou, desligou, pôs ponto morto e saiu do carro. Eu saí também do carro, só que a tia Dada nunca mais saía, [...]

- Tia, tia!, tens que sair do carro, rápido.

- Mas sair do carro porquê? Eu não quero fazer chichi! – ela estava mesmo sentada, impressionante, e ainda estava a rir.

- Mas isto não para fazer chichi, tia, tens que sair do carro e ficar paradinha aí fora, aqueles carros pretos são do camarada presidente.

- Ó filho, não é preciso, ele vai passar do outro lado.

- Dona Eduarda, por favor, sai só do carro... – o camarada João falava tipo estava com febre (Ondjaki, 2014, p.50-51).

Após vários avisos de medo e de fúria de Ndalú e do camarada João, a tia Dada desceu finalmente do carro, mesmo não percebendo nada. Essa situação criou um alvoroço, porque a mesma não tinha ciência das regras que deveriam ser seguidas durante a ocorrência desses protocolos em Angola, que era um país socialista e que vivia sob o autoritarismo do MPLA. A reação de Ndalú e do camarada João transmitiam, além do autoritarismo do partido único, “uma época em que os horrores das lutas conviviam com os sonhos e sangues germinantes de uma pátria e uma liberdade imaginada”, (Secco, 2008, p.18).

Após a situação ocorrida na Fortaleza, Ndalú e a sua tia continuaram o passeio. Eles foram à praia, mas não para a praia “*tão verzul*”, apelidada assim pelo menino-narrador, para se referir a “praia *Dos soviéticos*”, que não era acessível ao povo angolano. Era uma praia apenas para os soviéticos. Indignada com a situação, a tia questionou, o porquê que a praia “*tão verzul*” era somente dos soviéticos, no qual só os militares soviéticos poderiam usufruir dessa praia. Mas o menino crítico não sabia explicar a situação, porque nunca lhe fora explicado sobre isso, então Ndalú respondeu apenas: “Não sei, não sei mesmo. Se calhar nós também devíamos ter uma praia só de angolanos lá na União Soviética” (Ondjaki, 2014, p.53).

Apesar de ser um menino crítico, com uma consciência política e com um caráter nacionalista, havia situações que perpassavam a sua compreensão e sua visão, por exemplo compreender a relação e a cooperação diplomática, política e militar entre o partido único MPLA e a União Soviética, que se estendia no auxílio da guerra civil contra as forças da UNITA

e na expansão do próprio ideal pregado pelo partido. Esse era o mesmo auxílio dado por Cuba ao MPLA, com os quais Ndalú tinha maior contato, porque alguns eram seus professores.

Após a saída da praia dos soviéticos, eles caminharam para um outro lado da praia que era acessível aos angolanos. Mas ainda atônito com o que acontecera na Fortaleza, porque era uma situação grave que poderia causar morte, Ndalú questionou a sua tia sobre a realidade portuguesa, porque ele entendera realmente que a tia não compreendia as formalidades do estado angolano:

- Ó filho, que cerimonia!
- Pois... Escapaste é ver a cerimonia de tiros que ia haver se algum FAPLA te visse a mexer, parecia que tavas a dançar, ainda por cima de chapéu...
- Mas sempre que o presidente passa vocês têm que ficar em sentdo? – ela estava mesmo espantada.
- Não é bem em sentido, mas tens que sair do carro para verem que não estás armado ou não vais tentar alguma coisa. [...]
- Tia, em Portugal quando o vosso camarada presidente passa, vocês não saem do carro?
- Bem, eu nunca vi o presidente passar lá, mas garanto-te que ninguém sai do carro, alias às vezes nem se percebe que o presidente vai de carro.
- Hum não acredito, ele não tem as motas da polícia para avisar? Não põem militares na cidade?
- Não, militares não põem. Às vezes, se é uma comitiva muito grande, convocam a polícia para afastar o transito, mas coisa rápida, o presidente passa e pronto. Claro que os carros se afastam, também não é obrigatório, mas é porque ouvem as sirenes, percebes?
- Sim.
- Mas quando, por exemplo, o presidente sai ao domingo, vai casa de algum amigo, já não leva policial, às vezes até vai a pé – ela estava a falara a sério, isso é que me deixou impressionado. [...]
- O vosso presidente anda a pé? – até desatei a rir. – Epá, [...], ainda querem estigar os presidentes africanos... Presidente em África, tia, só anda já de mercedes, e à prova de balas, (Ondjaki, 2014, p. 53-54).

Nesse diálogo estabelecido entre Ndalú e a tia Dada, as comparações que são feitas entre a realidade angolana pós-independência e a realidade portuguesa, nos facilitam na compreensão da fase pós-colonial em Angola, especificamente da década de 1980. Com isso, entendemos que o país, na sua grande parte, estava submerso ao totalitarismo do partido único, que também era o partido-estado, que controlava a cidade de Luanda, uma cidade que sob ela transcorria a angolanidade, pregada pelo Mário Pinto de Andrade, e a capacidade de resistência, defendida pelos poetas Agostinho Neto, Viriato da Cruz¹¹, António Jacinto e o Luandino Viera, como identifica Chaves (1999).

¹¹ Viriato Clemente da Cruz, nascido no Porto Amboim, em Angola, foi um escritor, nacionalista, político e líder anticolonialista angolano que lutou contra o regime colonial português que se instaurou no país em 1482 até 1975. Viriato da Cruz é um dos nomes mais emblemáticos e importantes da poesia angolana, no qual se destacou com os seus poemas “Makèzú”, “São Santo”, “Mamá Negra (Canto da esperança)”, “Namoro”, etc., (Poemas da sua obra *Poemas*, publicada em 1961, pela *Casa dos Estudantes do Império* em Portugal). Esse nacionalista

Esse totalitarismo foi a causa dessa guerra civil entre os movimentos que lutaram contra para independência do país. Nesse caso, a fase pós-independente de Angola foi atravessado por esta guerra civil. Por esta razão, torna-se impossível dissociar o fenômeno da guerra do cotidiano e do imaginário pós-colonial angolano, é uma cicatriz nacional, como menciona Ondjaki, em seu romance *Os Transparentes*, ““a guerra” dizia-se, “é uma lembrança sempre a sangrar e a qualquer momento você abre a boca, ou gesticula, e o que sai é um traço encarnado de coisas que você não sabia que não sabia”, (Ondjaki, 2013, p.195).

A expressão literária angolana, como o romance BDC, de Ondjaki, evidenciava claramente as problemáticas e os anseios dessa sociedade pós-colonial angolana. A fase que representaria e indicaria o avanço do futuro revolucionário, regredia por causa dos conflitos civis, que pausavam o progresso alcançado com o advento da independência do país. Assim, como afirmou Secco (2008, *apud* Kandjimbo) a poesia de 80 só enunciava os traços constantes da decepção e angústia diante da realidade de fome e miséria social intensificadas pelos conflitos civis internos. Portanto, na fase pós-colonial, os cidadãos angolanos tinham que se preocupar e viver ao mesmo tempo com as mazelas deixadas pelo colonialismo e com os traumas e violências dos anos sombrios do pós-independência, conforme pontuado por Secco (2008).

Portanto, esses traumas frutos do colonialismo e da guerra civil influenciaram na formação da identidade angolana, uma identidade fragilizada por causa da agressividade desses processos. O processo de angolanidade defendida pelos poetas e escritores angolanos partia desse olhar afetuoso sobre a capital, como o centro do imaginário angolano. Neste caso, como ficam os outros espaços angolanos, atingidos descomunalmente pela guerra civil? Como ficam as províncias que estavam sob domínio da UNITA e da FNLA? O discurso *um só povo, uma só nação* abrangia outros espaços que não estavam no controle do MPLA, enquanto partido-estado? E a singularidade dos angolanos eram abraçadas pelo discurso do partido único? Isto é, a nação e a identidade criada, afirmadas por Mata (2001), constitui-se a partir do “quase projeto”, que resultaria da absorção da tematização do espaço colonial e pós-colonial a fim de se reestruturar a nação através dessa contínua representação desses projetos.

angolano ficou conhecido, além da sua grande participação política e literária angolana, por sua criação e participação no Movimento dos Novos Intelectuais de Angola (MNIA), em 1948, e da Revista Mensagem, em 1951, que eram organizações culturais e nacionalistas de jovens angolanos que desenvolviam atividades culturais sobre “Pensar Angola” frente ao jugo colonial português, pois eram espaços de contra-discurso ao nefasto sistema colonial português. Portanto, Viriato da Cruz foi um incansável lutador pela independência de Angola, que nessas organizações (na MNIA e a Revista Mensagem) ecoava os seus gritos de revolta contra o colonialismo português, e ressaltava o poder cultural dos Musseques angolanos, que eram espaços de resistências frente a cultura do português colonizador.

4 A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE ANGOLANA A PARTIR DO OLHAR DE NDALU

“Às vezes numa pequena coisa pode-se encontrar todas as coisas grandes da vida, não é preciso explicar muito, basta olhar”. (Ondjaki 2014, p.75).

4.1 A IDENTIDADE ANGOLANA

Os questionamentos feitos, anteriormente, no final do segundo capítulo deste trabalho, nortearão este capítulo final. Assim, essa abordagem fundamenta-se no quinto capítulo do romance BDC, marcado pelo evento do 1º de Maio, que era uma marcha promovida pelo partido-estado MPLA para comemorar o dia do trabalhador. A partir desse evento, entenderemos o discurso de nação e de união promovido pelo próprio partido, o que auxilia na compreensão da construção da identidade angolana. Todavia, gostaríamos de ressaltar que a busca pela identidade angolana deve ser encarada com um processo contínuo, pois, como destaca Bernad (1992), é travessia em constante movimentação que se constrói através das representações que um determinado grupo tem sobre si próprio.

A priori a formação da identidade angolana, assim como o processo de emancipação cultural, estava atrelada aos princípios norteadores que conduziram a formação dos movimentos políticos angolanos e, seguidamente, à luta de libertação nacional frente ao colonialismo português. Por este motivo, essa identidade está deveras associada aos movimentos de libertação nacional, principalmente aos intelectuais do MPLA, como Agostinho Neto, Viriato da Cruz, Óscar Ribas, etc., e do próprio povo. De acordo com Chaves (1999), o desejo de construir a nação angolana, através da consciência política, era uma necessidade urgente, pois isso significaria a conquista da própria fisionomia cultural e social do povo.

Nessa perspectiva, a literatura angolana desempenhou um papel de suma importância na dinamização desse processo de construção da sua *angolanidade*. O objetivo, conforme proclamado pelo movimento cultural angolano “Vamos descobrir Angola”¹², de 1948, sempre

¹² “Vamos descobrir Angola”, foi um movimento cultural angolano, fundado em 1948, por jovens angolanos, como que pouco sabiam sobre Angola. A finalidade era estudar Angola, a pátria amada que lhe viu nascer. “Eram ex-alunos do liceu que recitavam de cor todos os rios, todas as serras, todas as estações e apeadeiros das linhas férreas de Portugal, mas mal sabiam os afluentes do Cuanza que corria ao seu lado, suas serras de picos altaneiros, os seus povos de hábitos e línguas tão diversas [...]”, (Ervedosa, 1979, p.81). Esse movimento de novos intelectuais angolanos representava um grito, uma passagem para angolanidade e uma ruptura com os padrões literários do “fazer literário em Angola” ligado a metrópole, pois que se primava era uma escrita em favor de angolanidade e

foi “Angolanizar Angola”, olhando para a revolução que resultaria em uma nação livre do domínio colonial. Após a tomada de consciência política, a escrita literária angolana sempre foi uma das armas culturais usadas para denunciar o colonialismo, bem como a resistência contra esse regime, conforme afirma:

A história de nossa literatura é testemunho da geração de escritores que souberam, na sua época, dinamizar o processo de nossa libertação exprimindo os anseios profundos de nosso povo, particularmente o das camadas mais exploradas. A literatura angolana surge assim não como simples necessidade estética, mas como arma de combate pela afirmação do homem angolano (UEA, 1989, *apud* Chaves 1999, p.70).

Essa identidade angolana correspondia, além do ato de “Angolanizar Angola”, a efetivação do despertar da consciência nacional dos filhos da terra, que deram-se com os ataques importantes do 4 de fevereiro de 1961, que iniciaram a luta armada contra o regime colonial. Nesse sentido, as singularidades dos filhos de Angola estavam representadas nos movimentos de libertação nacional FNLA, UNITA e o MPLA. Pois, segundo Ervedosa (1979), essa luta armada abrangeu desde a capital de Angola, com as invasões do MPLA às cadeias de São Paulo, em Luanda, às chanas do Leste de Angola, liderada pela União das Populações do Norte de Angola (UPA) ou o FNLA, e ao sul de Angola com a UNITA. Portanto, essas singularidades seriam a congregação de todas as regiões, etnias e culturas como corpos presentes e importantes no signo nacional, mas o mesmo tornou-se um campo de disputa política entre os movimentos de libertação, quando assumiram-se como partidos após a independência do país, em 1975.

Essa disputa, segundo Ervedosa, começara quando, antes da proclamação da independência, MPLA toma para si a função de única representante do povo angolano nos areópagos internacionais durante a luta armada. Essa situação se agravou, quando, mesmo com a assinatura do Acordo de Alvor, Luanda, a cidade do anseio da libertação do jugo colonial e do emblema da resistência, só ouviu no dia 11 de novembro de 1975 o ecoar das palavras de ordem do Movimento Popular de Libertação de Angola, após vários anos de guerra armada, (Macedo, 2008), conforme sublinhado por Agostinho Neto, em seu discurso da tomada da independência:

Em nome do Povo angolano, o Comitê Central do Movimento Popular de Libertação de Angola (MPLA), proclama solenemente perante a África e o Mundo a Independência de Angola.

banhada pela africanidade do continente, o que impulsionaria o ideal da nação livre do domínio colonial, (Santos, 2007).

Nesta hora o Povo angolano e o Comitê Central do MPLA observam um minuto de silêncio e determinam que vivam para sempre os heróis tombados pela Independência da Pátria.

Correspondendo aos anseios mais sentidos do Povo, o MPLA declara o nosso País constituído em República Popular de Angola.

Durante o período compreendido entre o encontro do Alvor e tal Proclamação, só o MPLA não violou os acordos assinados.

Aos laçaios internos do imperialismo de há muito os deixámos de reconhecer como movimentos de libertação. [...]

Os órgãos do Estado da República Popular de Angola guiar-se-ão pelas diretrizes superiores do MPLA mantendo-se assegurada a primazia das estruturas do Movimento sobre as do Estado. [...]

Unidos de Cabinda ao Cunene, prosseguiremos com vigor a Resistência Popular Generalizada e construiremos o nosso Estado Democrático e Popular.¹³

Nesse grito de liberdade, as singularidades culturais e sociais nacionais, que compuseram a angolanidade e da finalidade de “Angolanizar Angola”, foram suprimidas pela vontade incessante pelo poder. Assim, Luanda, na década de 1980, com a instauração dos conflitos civis internos entre os partidos, erguia-se como uma cidade dos sonhos utópicos da revolução e da própria angolanidade, destacada pelo seu privilégio de cidade política. Porque a capital tornava-se em “país” ou uma “nação” moldada e governada pelas utopias de revolução e de unidade nacional do MPLA, enquanto “único” partido representante do povo e estado da República Popular de Angola. Desta forma, não era possível dissociar o partido do próprio aparelho de estado, o que se traduzia em “O MPLA é o povo, e o povo é o MPLA”, um discurso totalitário que só funcionava na capital e em outras províncias que estavam sob o domínio do MPLA.

4.2 “UM SÓ POVO, UMA SÓ NAÇÃO”

O evento do 1º de maio, em comemoração ao dia do trabalhador, narrado por Ndalú nos leva a refletir de igual modo a estrutura da sociedade pós-colonial angolana, que se formou em meio ao totalitarismo do partido-estado. O quinto capítulo do romance BDC começa com uma descrição do narrador sobre a sua boa disposição em participar em comícios e desfiles do partido, o que para esse partido representava patriotismo. Porque a criança que crescia na capital era ensinada, desde tenra idade a caminhar nas fileiras do partido, o que torna mais fácil o processo de identificação com o próprio partido e o seu ideal de governação. Portanto, esse sentimento era normal e habitual em crianças, como Ndalú e seus colegas, pois faziam parte da

¹³ Discurso de **Agostinho Neto** na proclamação da independência de Angola, em 11 de novembro de 1975.

Organização dos Pioneiros Angolanos (OPA), que foi a primeira organização político-social infantil, fundada por António Agostinho Neto, em 1966, com a finalidade de conduzir as crianças para as ideologias do próprio partido.

Assim, o menino narrador começou a sua manhã do dia 1 feliz, porque haveria de participar no desfile. Dessa forma, partiu para escola, o local da concentração para marcha do dia comemorativo. Na escola, Ndalú começa a sua primeira tarefa patriota, que era pôr-se em sentido para os símbolos do país e do partido (as bandeiras), em seguida, os professores cubanos conferiam os itens de vestimenta obrigatório para o desfile. Ou seja, o fardamento completo para a marcha, sem esquecer os lenços da OPA, que era um item obrigatório para qualquer criança da escola, porque se tratava do desfile do 1º de Maio, dia internacional do trabalhador:

Eu estava mesmo atrasado, até já estavam as turmas formadas por filas, a camarada professora Sara viu-me chegar e fez aquela cara dela de má. Estávamos todos direitinhos, em sentido, passaram revista aos lenços, quem não tinha lenço podia voltar para casa, quilo era o desfile do 1º de Maio, dia Internacional do trabalhador, não admitia crianças sem fardamento completo. [...], (Ondjaki, 2014, p78).

Após a revista das vestimentas, os meninos da escola exerciam outro ato patriótico, que era a entoação do hino nacional do país, um dos símbolos nacionais, que era obrigatório antes de qualquer atividade escolar ou política. Depois da entoação do hino, os meninos marcharam em fileira até ao Largo do 1º de Maio, onde se juntariam com outras escolas convocadas para essa comemoração. Ao chegarem ao Largo, além de falar sobre o seu desejo de ver o presidente da república, que seria o anfitrião desse evento, Ndalú descreve que havia uma senhora, que pertencia ao Ministério da Educação do, até então, o único partido representante do país, a distribuir bandeirinhas vermelhas, amarelas do país e também do partido, o que demonstrava a não separação de poderes entre o partido e o estado e o totalitarismo do próprio partido na afirmação da autonomia do país:

No largo, uma camarada do Ministério da Educação veio distribuir bandeirinhas vermelhas, amarelas, umas do país, outras do MPLA. Olhei as tribunas as tribunas a ver se descobria o camarada presidente, mas ainda távamos muito longe, só deu para ver que estava cheia a tribuna, e havia militares por todo lá em cima, e nas ruas também, se calhar o camarada presidente ainda não tinha chegado. [...] (Ondjaki, 2014, p79).

“Por razões de segurança de estado”, o largo do 1º de Maio estava imerso de Militares das FAPLAS, porque o presidente da república haveria de se fazer presente no evento, então havia muita agitação e expectativa na presença do chefe de estado. Dessa forma, o evento contou com a presença de várias organizações do próprio MPLA, como a Organização das

Mulheres Angolanas (OMA)¹⁴, frequentado exclusivamente por mulheres angolanas do partido MPLA e não de outros partidos; a Juventude Partidária do MPLA (JOTA), os Piôs da OPA e os trabalhadores do MPLA: “Toda gente tinha bandeirinhas, as mães da OMA, os jovens da “jota”, os piôs da OPA, os camaradas trabalhadores, o povo que tinha vindo assistir, aquilo tava cheio de cores, e muita agitação[...]”, (Ondjaki, 2014, p.79).

O ponto alto desse desfile foram as ênfases das palavras de ordem do partido-estado para a comemoração da data do 1º de maio:

- Um só povo uma só...? – ele.
- ...NAÇÃO!!! – nós berrávamos a sério, aproveitávamos sempre para berrar.
- Um só povo uma só...?
- ...NAÇÃO!!! – A luta...?
- ...CONTINUA!!!
- A luta...?
- CONTINUA!!!
- Mas a luta, camaradas? – ele também berrava, tipo tava contente.
- CONTINUA!!!!!!!!!!!!!!!
- E a vitória...?
- É CERTA!!!
- A vitória...?
- É CERTA!!!
- O MPLA é o povo...
- E O POVO É O MPLA!!!
- O MPLA é o povo...
- E O POVO É O MPLA!!!

[...] Ouvimos as sirenes, os mercedes a chegarem lá ao longe, agora sim, era o camarada presidente. O povo gritava, batia palmas: ‘DOS SANTOS¹⁵... AMIGO... O POVO ESTÁ CONTIGO... DOS SANTOS... AMIGO... O POVO ESTÁ CONTIGO... [...]

As escolas começavam a fazer formação outra vez, os mais baixos à frente, os grandões lá para trás. DOS SANTOS... AMIGO... A OPA ESTÁ CONTIGO... DOS SANTOS... AMIGO... A OPA ESTÁ CONTIGO! [...], (Ondjaki, 2014, p. 80-81).

Essas palavras de ordem, proferidas no desfile do 1º de Maio, para receber o camarada presidente, eram elementos comuns, que até pareciam “símbolos nacionais”, enunciadas a qualquer comemoração e evento ligado ao partido-estado. São discursos de reafirmação da soberania do partido, enquanto o único representante do povo angolano, e da autonomia do próprio partido no aparelho do estado. No entanto, torna-se fundamental para este trabalho problematizar esse discurso, porque o mesmo também representava uma enorme distopia, porque nas décadas de guerra civil interna, Angola era um espaço de nações e povos divididos

¹⁴ Organização política feminina angolana conduzida pelos ideais do MPLA. Foi criada em 1962 na época da luta armada contra o colonialismo português. O objetivo fulcral da criação desta organização, exclusivamente para mulheres angolanas filiadas ao partido do MPLA, na época de guerra colonial, era de mobilizar as mulheres para o ativismo político feminino na época colonial, e, por conseguinte a sua inclusão na política do país.

¹⁵ José Eduardo dos Santos, o presidente que assumiu a liderança país após a morte de Agostinho Neto, em 1979.

e repartidos, porque, além do domínio do MPLA, haviam outras forças dominantes no país, como a sua principal oposição a UNITA.

Nessa perspectiva, o MPLA não representava o anseio e as dores do povo angolano em espaços ocupados por outros partidos durante estes conflitos. A utopia do discurso *um só povo, uma só nação* ou *o MPLA é o Povo, o Povo é o MPLA* não abrangia *De Cabinda ao Cunene, do Mar ao Leste*¹⁶ de Angola, apenas às províncias dominadas pelo partido-estado. Essas palavras que expressavam grandemente “um povo” que caminhava rumo ao progresso e a vitória eram abafadas pelos “lacaio internos do imperialismo” (palavras usadas pelo presidente angolano Neto em seu discurso do dia da independência para se referir aos movimentos políticos UNITA e FNLA, enxotados da capital pelo MPLA). Portanto, Angola, na década de 1980, após a sua independência, vivia anos intensos de guerra, que “envolveram os antigos sonhos e os esgarçaram”, (SECCO, 2008), o que roubou do país o verdadeiro sonho de progresso e de liberdade. O que se vivia realmente, por debaixo dessa distopia, era uma “terrível descrença nos homens, emoções e nos anseios de todos”, (Secco, 2008).

Nesse sentido, o tempo pós-colonial, manchado pelos conflitos civis, esmiuçavam a voz e ao mesmo tempo o silêncio da ruína, da miséria e do sangue angolano derramado durante estes conflitos. Nessa perspectiva citamos, a poetisa angolana Ana Paula Tavares, em seu poema sem título, da obra literária *Dizes-me coisas amargas como os frutos*, de 2001, o qual aborda os sofrimentos gerados pela guerra:

CAOS
CACTUS
CAOS
mãos feridas d'espinhos
pausadas pássaros
no meu rosto (Tavares, 2001, s/p).

Como mencionado pelo menino-narrador do romance BDC, “a guerra é que faz o país ficar com comichão... você coça, coça e depois começa sair sangue, sangue... guerra é quando você para de coçá mas inda tá sair sangue...”, (Ondjaki, 2014, p.128). E nessa perspectiva, percebemos a identidade do povo foi gerada na dor e isso perpassava qualquer ideal proclamado pelo MPLA ou outro partido. O que se observa é a degradação da identidade construída nas guerrilhas contra o colonialismo português, o país parecia “uma babilônia ingovernável, uma Torre de Babel”, (Macedo, 2008).

¹⁶ Frases comumente usada pelo primeiro presidente angolano Agostinho Neto em seu discurso para se referir a extensão territorial de Angola.

Seguidamente, ainda no desfile, Ndalú mostra-se o seu descontentamento diante da realidade da sociedade pós-colonial, a sociedade da carência, torna-se em elemento de descontentamento para o narrador, pela ausência de carros alegóricos, comumente usados para eventos dessa natureza, por falta de verbas, que majoritariamente servia para auxiliar na guerra interna. Ndalú ressalta que levaria essa preocupação, da ausência dos carros alegóricos, para quando fosse chamado novamente a Rádio Nacional, porque acreditava que a beleza dos desfiles estava nesses carros:

Já sei, deve ter sido aquilo da falta de verba, porque foi isso que este ano não fizeram desfile dos carros alegóricos, se calhar foi por isso também que convocaram tantas escolas, para ver se do desfile ainda ficava bom mesmo sem carros alegóricos, mas para mim, para dizer a verdade, um desfile do 1º de Maio sem carros alegóricos não é a mesma coisa, pro ano que vem se me chamarem na Rádio Nacional outra vez, vou dizer isso mesmo, não quero saber lá da folha carimbada que já vem tudo escrito (Ondjaki, 2014, p.82).

Contudo, é importante mencionar que a comemoração do 1º de Maio foi sutilmente abafada pelo evento do caixão vazio, que ocorreu dias antes do desfile na escola de Ndalú. Apesar da euforia do desfile, a atenção dos meninos estava redobrada aos mujimbos do caixão vazio. Logo, assim que terminou o evento, Ndalú, Petra, Luaia, Bruno, Cláudio e Romina voltaram para escola para as “atualizações” do que realmente acontecera na escola com a passagem do caminhão rural do caixão vazio. A escola estava calma, embora se ouvisse o barulho da cidade com a celebração do 1º de maio, e tudo não passou de uma confusão, porque o caminhão rural não tinha passado na escola de Ndalú.

4.3 “A ECLOSÃO DE UM NOVO CICLO EM ANGOLA”

“Todo depende de los hombres de sus corazones, de la Firmeza com que luchan por sus ideales, de la simplicidad que pongan em su acciones, del respeto que sientam por los comañeros”. Palabras do camarada professor Ángel, (Ondjaki, 2014, p.105)

O clímax do romance é marcado pelo sentimento de despedida do final do ano letivo de Ndalú, do regresso da tia Dada à Portugal, da volta de seus professores cubanos Ángel e María à Cuba, e ao sentimento de que era preciso recomeça, pois este recomeço seria uma forma de pensar o país, frente aos conflitos internos. Assim, Ndalú não começara a sua manhã bem-

disposto, porque o sentimento de despedida entristecia-o, por causa das saudades dos colegas, de suas brincadeiras durante o ano letivo e de seus professores cubanos:

O fim dos anos letivos era sempre uma coisa muito chata para mim, porque ficava com saudade dos meus colegas, das nossas brincadeiras, até dos professores, até das palavras de ordem, até de cantar o hino, até de ir ao quadro, até da limpeza geral da escola, até de jogar estátua nos corredores embora quando levasse uma bem esquentada as costas ficassem a arder, ou jogar estica até sermos apanhados pelo camarada subdiretor e levarmos todos as reguadas em cada mão, tudo isso, era uma só coisa que um dia destes ia mesmo acabar (Ondjaki, 2014, p.90).

A sua manhã, outrora desenhada pelo ar fresquinho de Luanda, dava lugar ao cheiro da despedida. Assim, em primeiro lugar, despediu-se de sua tia Dada, que estava de regresso à Portugal. No aeroporto, a tia Dada teve que passar por diversos protocolos corriqueiros dos FAPLAS para deixar o país, então foram diversas revistas e muitas perguntas por razões de segurança do próprio estado. Após a partida de sua tia, Ndalú e seus colegas, juntamente com seus professores cubanos se reuniram para um lanche da tarde de despedida:

Bueno, no resulta fácil esto que tengo que decir ahora, y principalmente no quería estropear este ambiente tan bueno que estamos viviendo aquí. Pero ustedes son, de cierto modo, no sólo nuestros alumnos, níos de la camarada profesora María, sino también grandes amigos nuestros. Y es por eso que camarada profesora de María y yo decidimos a darles esta noticia hoy, aquí más reservadamente, y no mañana cuando toda la escuela recibirá esta información.
*Ustedes so jóvenes, pero ya se deben haber dando cuenta da qye muchas casas han cambiado em su país em los últimos tempos... **Las tentativas de acuerdos de paz**, já llamada **presión internacional**, todo eso no passa sólamete em el telediario, va a passar de verdade em su país, sus vidas, em sus amistades... Su país está cambiando de rumbo y eso, como siempre, tiene consecuencias. [...](Ondjaki, 2014, p.107-108, grifo meu).*

Ao conversar com os seus alunos, o professor Ángel fala sobre as tentativas de negociação do acordo de paz em Angola, que estabilizariam e trariam a paz no país. Os alunos ficaram surpreendidos com a informação, porque não tinham ciência do que estava acontecendo, pois em seus noticiários passavam as mesmas coisas acerca da guerra. O mesmo ressalta que esta articulação adveio, não da consciência dos líderes dos partidos em guerrilha, mas da pressão internacional. Porque os conflitos civis em Angola, em seus anos iniciais de 1975 a 1991, decorriam na vigência da Guerra Fria, ou seja, ao mesmo tempo que conflito mundial. E os países envolvidos nesse conflito, a URSS e os Estados Unidos da América, financiavam militarmente os partidos políticos angolanos em seus conflitos internos.

Com a queda do Muro de Berlin, em 1989, que simbolizou o final da Guerra Fria, e que resultou na dissolução da URSS, havia uma necessidade de se traçar novos paradigmas e

cenários na política internacional, e isso influenciou em grande medida a guerra de Angola, porque os auxílios militares internacionais seriam retirados. Por esta razão, os professores cubanos de Ndalú deixariam o país, porque Cuba, em decorrência do final da Guerra Fria, também havia retirado a ajuda militar. Por consequência, isso resultou no regresso de militares cubanos para Cuba, e isso incluía os professores e médicos.

Assim, os acordos de paz inaugurariam um novo ciclo em Angola, a sua história seria contada a partir de um outro paradigma. Os acordos de paz significariam a oficialização do multipartidarismo e posteriormente na realização das primeiras, eleições democráticas após a independência, em Angola. Assim, o professor Ángel, sublinhou que a nova etapa de Angola só dependia dos próprios angolanos, que eram as mãos que levantariam a nação em meio ao caos da guerra civil, e de seus ideais:

*Angola está dando los primeiros passos em outra dirección, pero puede ser una buena dirección, todo depende de los hombres, de sus corações, de la Firmeza com que luchan por sus ideales, de la simplicidad que pongan em su acciones, del respeito que sientan por los comañeros... **Angola ya es una gran nación y va crescer más.** [...]. La simplicidad es un valor a retener! El hombre del mañana, el hombre del progreso no luntand de aquellos que se creen dueños del mundo, no se ensucia em el lado de la corrupción, em fin, el hombre del progreso no cae. (Ondjaki, 2014, p.109, grifo meu).*

No discurso saudosista do professor cubano Ángel, fica perceptível que a revolução sempre guiará as lutas de Angola rumo ao progresso. Mas com um novo tempo, a luta pela revolução não se faria mais pelo levantar das armas, mas pela educação, porque a educação é única arma para o tão sonhado progresso do país, idealizado ainda na época das guerrilhas coloniais com a geração da angolanidade e do projeto “Angolanizar Angola”. Após o discurso emocionante do professor Ángel, o menino-narrador compreendera dimensão política desse novo tempo que instauraria no país, então, mesmo que em seus pensamentos, celebrou os seus professores cubanos, pela ajuda dada ao país (MPLA), durante os anos de conflito armado interno. Nesse sentido, Ndalú brindou:

[...] às palavras sinceras do camarada professor Ángel, um brinde às lágrimas da camarada professora María, um brinde aos rapazes desta sala que também estavam com vontade de chorar, um brinde a Cuba, um brinde aos soldados cubanos tombados em solo angolano, um brinde à vontade, à entrega, à simplicidade dessas pessoas, um brinde ao camarada Che Guevara, homem importante e operário desimportante, um brinde aos camaradas médicos cubanos, um brinde a nós também, as crianças, as “flores da humanidade”, como nos disse o camarada Ángel, um brinde ao futuro de Angola neste novo rumo, um brinde ao **Homem do amanhã**, e claro e que íamos esquecer isso, Cláudio, **um brinde ao Progresso!** (Ondjaki, 2014, p.110, grifo meu).

O homem do amanhã, brindado por Ndalú, seria resultado das novas experiências do ato de olhar e pensar Angola, uma terra que sangrou muito. Angola chorava pela liberdade, clamava pelo silêncio das armas e pela alegria do progresso, que não se fazia pelo autoritarismo político, mas com a educação, que é única arma para o combate à corrupção no país. Isto é, como diz o camarada Nelson Mandela "a educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo". Nesse sentido, com a nova fase, as mudanças viriam porque estávamos à espera do progresso desde 1961, um ideal lindo que conduziu a luta pela independência de Angola.

Após o final do lanche com os camaradas professores cubanos, no dia seguinte seguiram os exames finais da escola. Na mesma manhã, Ndalú acordou nervoso por conta desse exame. Sentado na mesa, tomando seu café da manhã, antes da prova, Ndalú, ao ver o camarada António, relembra da despedida dos cubanos e pergunta ao camarada António se já tinha ouvido que os cubanos deixariam o país, e que haveria mudanças por conta do possível alcance da paz. O camarada António tinha ouvido essa notícia em seu bairro, o que levantava uma certa dúvida, porque os canais noticiários, controlados totalmente pelo partido-estado MPLA, não falavam dessas possíveis negociações entre os partidos políticos MPLA e UNITA:

- Já ouviste dizer que os cubanos vão embora?
- Parece já ouvi, menino.
- Tudo vai começar a mudar, camarada António... Não achas?
- Parece é a paz que vai chegar, menino... Ontem tavam a falar lá no bairro.
- Tavam a falar de quê? Da paz?
- Hum... Parece vamos ter paz...
- Ó António, e tu acreditas nisso? Há quanto anos é que ouves essa conversa?
- Pode ser, menino, pode ser... (Ondjaki, 2014, p.116).

Pelas respostas do camarada António, fica claro que ele não celebrava muito essa possível paz, porque parecia uma estória que sempre ouviu. Ele não parecia tão esperançoso quanto o menino-narrador com a eclosão do novo ciclo do país. Isso se devia ao impacto da guerra na vida do próprio camarada António, que já era mais velho, que vivenciou e experienciou a fase colonial ou o *tempo do branco* na sociedade angolana e a fase pós independente de Angola, e que foi severamente marcado e castigado pelo duelo político entre os partidos políticos MPLA e UNITA. A guerra destruiu o país e deixou sequelas emocionais em pessoas mais velhas como o camarada António, que acaba sendo fruto dessas duas fases terríveis.

A dor da guerra civil marcava todo o imaginário do camarada António, por isso, ele parece não se importar com chegada da paz. Porque estas guerras criaram sobre o povo angolano traumas, choques, cicatrizes, dores e sofrimentos de quem viveu a concretude das

verdadeiras carnificinas que foram os duelos entre o MPLA e a UNITA, (Secco, 2008). Nisto cito João Melo (1989, p.60, *apud* Secco, 2008, p.21):

[...]
 Este tempo em que vivo
 Um tempo de sangue e guerra
 [...]
 a minha pátria não é o cabine onde penduro o meu casaco
 a minha pátria é esta terra
 em carne viva, são
 estes homens
 orgulhosos e corajosos,
 protegendo um sonho,
 no meio da morte e do sangue.

Depois da realização do primeiro exame final, que foi de Língua Portuguesa, à tarde, Ndalú e seus colegas foram, para a última visita de despedida, à casa de seus professores cubanos, que moravam em prédios “bem malaicos”, ou seja, feios, fissurados pela degradação da pobreza e da penúria. Porque os professores cubanos viviam em péssimas condições de vida, o que fica perceptível ao longo da descrição da narrativa. Os meninos foram até a casa de seus professores para, uma vez mais, agradecer pela trajetória dos mesmos na escola e em Angola, pois não pouparam esforços para ajudar na etapa dos conflitos civis, o que foi uma atitude patriota, porque essa visita foi a último contato que tiveram com os professores cubanos depois da viagem:

À tarde fomos à casa dos camaradas professores cubanos, lá onde moravam, naqueles prédios bem malaicos. [...]
 - *Entren, entren... Siéntense que voy a llamar a Ángel* – disse a professora María.
 Sentamos ali nos cadeirões com bué de buracos, começamos a olhar: tinha uma TV a preto e branco, a mesa só tinha três pernas e tinha ao lado de uma cadeira igual à que tinha ao lado uma cadeira igual à que havia na escola.
 - *Buenas tardes, compañeros* – começou a apertar as mãos e nas meninas deu beijinhos da mão, tipo D. Juan, elas ficaram envergonhadas. – *Disculpen el atraso, estaba embalando las cosas para el viaje.*
 [...]
 À meio do chá, a Petra, meio com lágrimas nos olhos, falou aos camaradas professores, e disse que nós agradecíamos tudo o que os camaradas professores pessoalmente tinham feito por nós, mas também o que todos os camaradas cubanos tinham feito por Angola, desde os operários, os soldados, os médicos e os professores, que Angola estava agradecida e que íamos sempre ser irmãos, os angolanos e os cubanos, etc., etc., etc. (Ondjaki, 2014, p.122).

No dia seguinte à despedida aos professores, ao acordar, Ndalú percebeu que o seu dia começara de forma nublada, porque não havia o resplandecer do vento fresquinho das manhãs da cidade de Luanda e do sol que iluminava o seu quarto, por isso é que o abacateiro não se movia em seu quintal, como em todas as manhãs. O clima parecia prenunciar alguma notícia

triste. Apesar do clima, Ndalú foi para escola, onde fez a sua última frequência, na matéria de EVP (Educação Visual e Plástica), uma disciplina de desenhos. Durante a prova de EVP, o menino-narrador descreve que era normal os meninos desenharem coisas à relacionada a guerra no país, porque a vivência da guerra tão próxima a esses alunos, o que nos leva a compreender, mais uma vez, às implicações desses conflitos no imaginário social angolano:

Guerra também aparecia sempre nas redações, experimenta só mandar um aluno fazer uma redação livre para ver se ele num vai falar da guerra, até vai já aumentar, vai contar história do tio dele, ou então vai dizer que o primo dele é comando, ché, gajo grosso, bate male, num vale a pena se meter com ele. Guerra vinha nos desenhos (as akás, os canhões monacaxito), vinha nas conversas (tou ta dizer, é verdade...), vinha nas pinturas na paredena parede (os desenhos no hospital militar), vinha nas estigas (teu ptio foi na UNITA combater, depois voltou, tava a reclamar lá tinha bué de piolho!) vinha nos anúncios da TV (ó Reagan, tira a mão de Angola), e até vinha nos sonhos (dispara Murtala, dispara porra!) (Ondjaki, 2014, p127).

A guerra em Angola parecia se mover e fluir no cotidiano do angolano, deixando os seus males espalhados por todo o país. Ela nascia com o pôr do sol do país, mas não findava com o cair e o adormecer da noite, pelo contrário, estava bem viva e alimentada de sangue dos angolanos tombados em seu próprio solo:

Guerra chegava na boca dos malucos, aquele maluco que chamava *Sonangol*¹⁷ porque sempre se besuntava com óleo, já só dava para ver a boca vermelha e os olhos brancos, ele sempre dizia: a guerra é uma doença... Agora quero ver onde é que vucê busca cumprido dela... Tou avisá, se vucê pega guerra, vucê todos os dias morre bocado, pode demora, mas vucê comela cair... [...] (Ondjaki, 2014, p.127-128, grifo meu).

Após a realização da última prova, encerrava-se assim mais um ciclo letivo, trazendo o sentimento de despedida e saudade de volta. Ao regressar para casa, o céu cinzento, detalhado por Ndalú, parecia trazer péssimas notícias. E uma dessas noticiais fora a morte do camarada António, detalhado por sua esposa, que sobre a cabeça dela estava um lenço preto (que simbolizava o luto pelo seu esposo). A morte do Camarada levou o barulho da rádio, que imitia as notícias do partido, da guerra no país, das propagandas das FAPLAS, da situação do *apartheid* na África do Sul, assim como dos copos e dos talheres, que marcavam o dia-a-dia deste grande camarada.

Eu fiz força para não chorar, finge que o camada António estava ali junto ao fogão:
- Camarada António, passa-me só o jindungo, faz favor...

¹⁷ Sociedade Nacional de Combustíveis de Angola, E.P. é a empresa estatal angolana do ramo petrolífero responsável pela administração exploração de petróleo (a fonte primaria de sustento da economia nacional) e do gás natural nacional.

- e como ele não disse nada, provoquei-lhe: vês, António, aqui em Angola, agora até já vamos ter eleições!, no tempo do tuga havia eleições- mas ele não disse nada mesmo. (Ondjaki, 2014, p.131)

Portanto, compreendermos que a dolorosa morte do camarada António também transcendia a nossa imaginação literária, pois percebemos que significava a mortificação dessa lembrança do tempo colonial na sociedade angolana e nas vidas angolanos, mesmo ainda muito presente e marcante no cotidiano, por conta da agressividade desse processo desumano. A esperança final de Ndalú estava depositada na realização das primeiras eleições democráticas de 1992, entre os partidos em guerrilha, porque isso significaria a instauração de um novo ciclo de paz, que eclodiria para novos paradigmas e novos contextos do pensar Angola. Com isso, talvez o angolano alcançaria finalmente a paz e o progresso tão sonhado desde a efetivação do seu projeto de angolanidade e “Angolanizar Angola”. Isto é, Angola seria lavada pelas águas da chuva da paz, do calar das armas, da alegria dos homens, e nisto poderia ecoar da identidade, que se formara do ajuntamento de várias singularidades do povo. VIVA AO PROGRESSO!!!

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A obra *Bom dia, Camaradas*, de Ondjaki, publicada originalmente em 2000, é um romance que ecoa os anos finais de 1980. A narrativa desenha-se nas nuances da intensificação dos conflitos civis no país e nas encruzilhadas do alcance da paz. Este romance fica marcada pelos personagens Ndalú, o menino-narrador, e o Camarada António que ao nascer da manhã conversavam sempre criticamente acerca da disparidade entre o passado colonial do país, também apelidado por “tempo do branco” ou dos “tugas” (nome para se referir aos portugueses colonizadores) frente a realidade do país pós-independência.

Eram conversas que adoçavam as manhãs de Ndalú, porque ele, através de seus questionamentos, procura saber e questionar o Camarada António sobre o seu discurso a favor dos portugueses, levando em consideração o estado do país neste tempo, que era de péssimas condições de vida, de sofrimentos e de pagamentos injustos. Ademais, o romance é uma obra complexa e sensível que nos leva também a revisitarmos o passado colonial angolano, para compreendermos a construção da identidade do povo, a vivenciar o presente pós-independente, para entendermos o tempo pós-colonial no país na dec. de 80 do país, e a perspectiva do alcance da paz, com o cessar fogo entre o MPLA e a UNITA.

Além de trazer esses debates políticos do cotidiano de Ndalú, um menino de classe alta de Luanda, tinha um outro pano de fundo, que são a reverberação da face da sociedade sofrida, na qual se vivia em maior escala os infortúnios da fome e da miséria. Nessa perspectiva, histórias como de Murtala, em seu bairro “bem malaico”, onde quando chovia a casa quase desabava, e de seus professores cubanos, com suas histórias de revolução, que estavam em Angola para ajudar o país a seguir em frente, também ganhavam destaque nesse, sem esquecer os mitos do caixão vazio, que eram histórias vistas e inventadas por causa do medo da guerra.

Portanto, as análises acerca dessa obra não couberam neste pequeno trabalho, porque estudar o pós-colonialismo e a construção da identidade angolana é uma tarefa ampla e um processo contínuo, tendo em conta as reverberações do processo de guerra civil nesses processos. Por esta razão, reiteramos que a obra de Ondjaki deve ser encarada como um poço de informação sobre a década estudada, porque ela traz os vestígios desses momentos trágicos marcados na história social, política, econômica e cultural do país, portanto, essa é o diálogo que o romance *Bom dia, Camaradas* traça e transmite entre a ficção e a realidade.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Cesaltina Cadete Basto de. *Sociedade civil em Angola: da realidade à utopia*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: UCAM, Instituto Universitário de Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro, 2006.
- ANDRADE, Costa Fernando. **Luanda**. Poema em movimento marítimo. Luanda: Executive center, 1997.
- ASSIS, José Maria MACHADO de. **Literatura brasileira: o instinto de nacionalidade (1873)**. In: Machado de Assis, crítica. Agir, 1959.
- BERND, Zilá (Org.). Poesia negra brasileira. Porto Alegre: AGE/IEL/IGEL, 1992. British-Angola Forum. Conference Report, 2002. Disponíveis em: <https://www.chathamhouse.org/sites/default/files/public/Research/Africa/121102angola.pdf>. Acesso em 27 de out. de 2023.
- BRUGIONI, Elena. **Literaturas Africanas comparadas: paradigmas críticos e representações em contraponto**. Campinas: Editora da Unicamp, 2019, p. 256.
- CAPOCO, Zeferino. O nacionalismo e o Estado: um estudo sobre a história política de Angola (1961-1991). Tese de doutorado: Universidade Católica Portuguesa, Lisboa, 2013.
- CASCUDO, Fernando Luiz da Câmara. **Angola: A guerra dos traídos**. Rio de Janeiro, Bloch Editores S A, 1979.
- CÉSAIRE, Aimé. **Discurso sobre o colonialismo**. Portugal: Livraria Sá da Costa Editora, 1978.
- CHAVES, Rita. **A formação do romance angolano**. Col. Via Atlântica, n.1, São Paulo, 1999.
- CHAVES, Rita. A Literatura Angolana. 1.a Edição: Casa dos Estudantes do Império. Série Ensaio. Lisboa 1963.
- CHAVES, Rita. O passado presente na literatura angolana (2000). *Scripta*, 3(6), 245-257. Recuperado de <https://periodicos.pucminas.br/index.php/scripta/article/view/10367>,
- CRUZ, Viriato da. Angola. **Poemas**. Edição: Casa dos Estudantes do Império. Coleção de Autores Ultramarinos. Lisboa 1961.
- CUNHA, Daniel. de O. (2011). Angola, nascimento de uma nação: um estudo sobre a construção de identidade nacional. *Cadernos De Campo (São Paulo - 1991)*, 20(20), 327-332. Disponível em: <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9133.v20i20p327-332>. Acesso em 27 de out. de 2023.
- ERVEDOSA, Carlos. Roteiro da literatura angolana. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 1979.

FANON, Frantz. **Os Condenados da Terra**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S.A.V.42. 1968.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FRANCO, Roberta Guimarães. **Descortinando a inocência: infância e violência em três obras da literatura angolana**. Niterói: Eduff, 2016.

FREIRE, Anna Isabel Santos. A representação das personagens pobres em Os transparentes, de Ondjaki. 2017. 121 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) —Universidade de Brasília, Brasília, 2017.

GONÇALVES, José. **O descontínuo processo de desenvolvimento democrático em Angola**. Centro de Estudos Africanos. Lisboa: ISCTE, 2004.

HAMILTON, Russel G. A literatura dos PALOP e a Teoria Pós-Colonial. *Via Atlântica*, n. 3, p. 12-22, dez. 1999.

INFOESCOLA. Nelson Mandela. Disponível em: <https://www.infoescola.com/biografias/nelson-mandela/>. Acesso em: 20 de out. de 2023.

LEITE, Ana Mafalda. **Literaturas Africanas e Formulações Pós-Coloniais**. Lisboa. Ed. Colibri, 2003.

LEITE, Ana Mafalda. *Oralidades & escritas pós-coloniais: estudos sobre literaturas africanas*. – Rio de Janeiro: EdUERJ, 2020. 320p.

MACEDO, Tania. **Luanda, cidade Literatura**. São Paulo: Editora UNESP; Luanda (Angola): Nzila, 2008.

MATA, Inocência. **Representação satírica do real na literatura angolana**. In: *Literatura angolana: silêncio e falas de uma voz inquieta*. Luanda: Ed. Kilombelombe, 2001, p. 145-158.

MATA, Inocência. Sob o signo de uma nostalgia projetiva: a poesia angolana nacionalista e a poesia pós-colonial. *Scripta*, 10(19), 2006, p. 25-42.

MURARO, A. As ‘prendisajens’ poéticas em Ondjaki: dimensões da metáfora ‘xão’. [Dissertação de mestrado apresentada na PUC/SP]. São Paulo: PUC/SP, 2006.

MURARO, A. *Luanda: entre camaradas e mujimbos*. Tese de doutorado em Letras, FFLCH/USP, São Paulo, 2012.

NETO, António gostinho. **Sagrada Esperança**, poemas. 11^a. ed. Lisboa: Livraria Sá Costa Editora, 1987.

Nova Cultura. Discurso de Agostinho Neto na proclamação da independência de Angola. Disponível em: <https://www.novacultura.info/post/2023/11/10/discurso-de-agostinho-neto-na-proclamacao-da-independencia-de-angola>. Acesso em: 20 de out. de 2023

ONDJAKI. **Bom, dia, Camaradas**. 1^aed. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

ONDJAKI. **Os Transparentes**. 1ªed. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

PEPETELA. **A geração da utopia**. São Paulo: LeYa, 2013.

PESTANA, Nelson. **As dinâmicas da sociedade civil em Angola**. Centro de Estudos africanos. Lisboa: ISCTE, 2004.

Portugal. Acordo de Alvor, 1975. Disponível em: <http://cedis.fd.unl.pt/wpcontent/uploads/2016/01/ACORDO-ALVOR.pdf>. Acesso em: 30 de Março de 2020. Portugal. Peace Accords of Angola. Estoril, 1991. Disponível em: <http://www.incore.ulst.ac.uk/services/cds/agreements/pdf/ang1.pdf>. Acesso em: 30 de Março de 2023.

Prezi. Vamos descobrir Angola. Disponível em: <https://prezi.com/bwolpa0wpm5m/vamos-descobrir-angola-um-mergulho-na-terra/> Acesso em: 20 de out. de 2023

PRODANOV, Cleber Cristiano; DE FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico: Métodos e Técnicas da Pesquisa e do Trabalho Acadêmico**. 2ª edição. Novo Hamburgo: Rio Grande do Sul, 2013.

RAMOS, Ana Margarida. Literatura e reconstrução em contextos de pós-conflito: “estórias sem luz elétrica”, de Ondjaki. Revista Nau Literária. Vol.13, nº 01. Rio Grande do Sul, 2017. Disponível em: < <https://seer.ufrgs.br/index.php/NauLiteraria/article/view/69043> >, Acesso em 07 Ago. 2021.

SABONETE, Wilson Fernando. Construção do Estado-Nação Angolana : relações inter-étnicas, Nhaneka-Humbe na guerra civil. 2010. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.

SANTOS, Boaventura Sousa. **Entre Próspero e Caliban Colonialismo, Pós- colonialismo e Interidentidade**. Porto: Afrontamento, 2003.

SECCO, Carmem Lucia Tindó. “Teias E Tramas Da ficção E Da história: Uma Das Tendências Do Romance contemporâneo Em Angola E Moçambique”. *Historiæ* 6 (1):43-72. 2015. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/hist/article/view/5407>. Acesso 29 de abr. de 2023.

SECCO, Carmem Lucia Tindó. A literatura e a arte em angola na pós-independência. Vol.8. Rio de Janeiro. Ed. UFRJ, 2013.

SECCO, Carmem Lucia Tindó. Por entre memórias e silêncios: representações literárias das guerras em Angola e Moçambique. *SCRIPTA*, Belo Horizonte, v. 12, n. 23, p. 13-25, 2º sem. 2008.

SILVA, Márcia Maro da. **A independência de Angola**. Brasília : Fundação Alexandre de Gusmão, 2007.

TAVARES, Paula. **Dizes-me coisas amargas como os frutos**. Lisboa: Caminho, 2001.

TENREIRO, Francisco; ANDRADE, Mário Pinto de (Org.). Poesia negra de expressão portuguesa. Vila Nova de Cerveira: Nóssomos, 2012.

VISENTINI, Paulo G. Fagundes. **As revoluções africanas**: Angola, Moçambique e Etiópia. São Paulo: Editora UNESP, 2012.

ZE, David. A luta contínua. *In*: ZE, David. **Mutudi Ua Ufolo**. Angola: Companhia de Discos de Angola (CDA), 1975. 1CD. Faixa 7.